

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Centro de Letras e Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Letras
Mestrado em Letras – Estudos da Linguagem



Dissertação de Mestrado

Ideologias linguísticas e bilinguismo:

o que é ser bilíngue para monolíngues, para bilíngues leigos e para profissionais
bilíngues da área de Letras

Júlia Costa Mendes

Pelotas, fevereiro de 2017.

Júlia Costa Mendes

Ideologias linguísticas e bilinguismo:

o que é ser bilíngue para monolíngues, para bilíngues leigos e para profissionais bilíngues da área de Letras

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Isabella Mozzillo

Pelotas, fevereiro de 2017.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

M538i Mendes, Júlia Costa

Ideologias linguísticas e bilinguismo : o que é ser bilíngue para monolíngues, para bilíngues leigos e para profissionais bilíngues da área de letras / Júlia Costa Mendes ; Isabella Mozzillo, orientadora. — Pelotas, 2017.

84 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2017.

1. Bilinguismo. 2. Ideologia linguística. 3. Aprendizagem de língua estrangeira. I. Mozzillo, Isabella, orient. II. Título.

CDD : 404.2

Júlia Costa Mendes

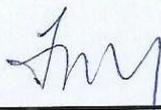
Ideologias linguísticas e bilinguismo:

o que é ser bilíngue para monolíngues, para bilíngues leigos e para profissionais bilíngues da área de Letras

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestra em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras - Mestrado, Área de Concentração Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Pelotas.

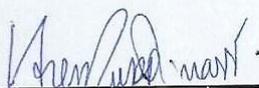
24 de fevereiro de 2017

Banca examinadora:



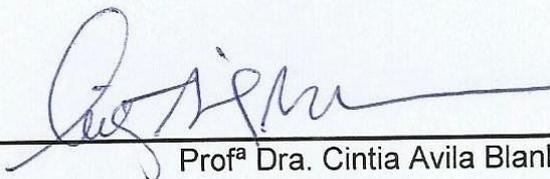
Prof.ª. Dra. Isabella Ferreira Mozzillo
Orientadora/Presidente da Banca

Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul



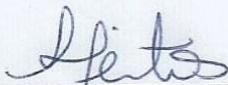
Prof.ª. Dra. Karen Pupp Spinassé
Membro da Banca

Doutora em Deutsch als Fremdsprache (Alemão como LE).
pela Technische Universität Berlin, TUB, Alemanha.



Prof.ª Dra. Cintia Avila Blank
Membro da Banca

Doutora em Letras pela Universidade Católica de Pelotas



Prof.ª. Dra. Letícia Fonseca Richthofen de Freitas
Membro da Banca

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Aos meus pais,
Maria Inez e Celso, por tudo.

Aos meus irmãos,
Daniel, Gabriel e Rafael, pelo amor e carinho.

Agradecimentos

À minha família querida, pela paciência e pelo amor incondicionais, que possibilitaram a escrita desta Dissertação.

Aos meus pais amados, Inez e Celso, por serem meus exemplos de força e dedicação e por sempre me inspirarem a ir atrás dos meus sonhos.

À minha orientadora, Professora Dr.^a Isabella Mozzillo, por ter me aceitado, confiado no meu trabalho e feito dessa caminhada algo especial, sendo sempre muito atenciosa e presente.

Às minhas professoras de francês, Mariza Zanini, Ana Maria Cavalheiro, Maristela Machado e Maria Laura Alves, pela inspiração e pelo exemplo.

Ao meu irmão, Rafael Costa Mendes, por me incentivar com apoio e ensinamentos durante esta trajetória e sempre.

Agradeço também aos meus amigos, Carolina Piovesan, Helena Ramires, Luísa Zanini, Nícollas Cayann e Bruna Cavallari, pelas risadas e pelos momentos de aláúza.

Ao meu querido amigo Lucas Badaracco, por estar sempre presente.

À CAPES/FAPERGS, pela bolsa de pesquisa concedida.

Resumo

MENDES, Júlia Costa. **Ideologias linguísticas e bilinguismo: o que é ser bilíngue para monolíngues, para bilíngues leigos e para profissionais bilíngues da área de Letras.** 2017. N^o p. 84. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas.

Tendo em vista o mundo atual em que ser monolíngue é a exceção, investigar questões que possam auxiliar o melhor desenvolvimento do ensino e aprendizagem de línguas nas escolas e universidades parece ser algo bastante relevante. Neste sentido, a presente pesquisa tem como principal objetivo investigar as ideologias linguísticas sobre o conceito de bilinguismo, assim como sobre outras questões que o permeiam. Para verificar a existência de tais ideologias, foram analisadas entrevistas feitas com indivíduos divididos em quatro grupos diferentes: bilíngues estudantes de Letras, professores universitários bilíngues, bilíngues universitários de outras áreas e monolíngues. A metodologia desta pesquisa consistiu na aplicação de questionários contendo perguntas relacionadas à opinião dos entrevistados sobre questões referentes ao bilinguismo. Com os dados levantados e analisados, pode-se verificar a existência de diversas ideologias acerca do assunto que comprometem o ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras tanto nas universidades quanto nas escolas de idiomas.

Palavras-chave: bilinguismo; ideologia linguística; aprendizagem de língua estrangeira.

Abstract

MENDES, Júlia Costa. **Language ideologies and bilingualism: what to be bilingual is for monolinguals, for non-professionals bilingual and for Letters' bilingual professionals**. 2017. 84p. Dissertation (Master's Degree in Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas.

Bearing in mind that in today's world being monolingual is the exception, investigating issues that may help a better development of language teaching and learning in schools and universities seems to be quite relevant. Therefore, the present research has as main objective investigate the linguistic ideologies on the concept of bilingualism, as well as on other questions that pervade it. To verify the existence of such ideologies, we analysed interviews with individuals divided into four different groups: bilingual Letters' students, bilingual university professors, university bilinguals from other areas and monolinguals. The methodology chosen for this research consists in the application of questionnaires containing questions related to the opinion of the interviewees about topics related to bilingualism. With the data collected and analysed, it is possible to verify the existence of diverse ideologies about the subject that compromises the teaching and learning of foreign languages in the universities as well as in the language schools.

Keywords: bilingualism; linguistic ideology; foreign language learning.

Résumé

MENDES, Júlia Costa. **Idéologie linguistique et bilinguisme: qu'est-ce qu'être bilingues pour les monolingues, les bilingues non spécialistes et les bilingues professionnels de Lettres.** 2017. N° p. 84. Mémoire de Master (Master en Lettres) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas.

Étant donné que dans le monde actuel le monolinguisme fait figure d'exception, il nous semble être pertinent d'explorer les questions qui puissent aider le développement de l'enseignement et de l'apprentissage des langues dans les écoles et les universités. En ce sens, cette recherche a comme principal objectif étudier les idéologies linguistiques à propos de la notion de bilinguisme, ainsi que les autres questions qui l'entourent. Pour vérifier l'existence de ces idéologies, nous avons analysé des interviews auprès d'individus appartenant à quatre groupes différents: étudiants bilingues en Lettres modernes, professeurs universitaires bilingues des cours de Lettres modernes, étudiants d'université bilingues et monolingues. La méthodologie de cette recherche a consisté en la mise en place de questionnaires relatifs au bilinguisme, et à l'opinion que les participants ont à ce sujet. Avec les données recueillies et analysées, nous pouvons vérifier l'existence de différentes idéologies sur ce sujet qui mettent en cause l'enseignement et l'apprentissage des langues étrangères à la fois dans les universités et dans les écoles de langues.

Mots-clés: bilinguisme; idéologie linguistique; apprentissage des langues étrangères.

Lista de figuras

Figura 1: Quadro do <i>continuum</i> existente entre monolíngues e bilíngues equilibrados	26
--	----

Lista de tabelas

Tabela 1: Respostas para as perguntas 6 e 7 do questionário aplicado para o G4	59
Tabela 2: Respostas para a pergunta 4 do questionário aplicado para o G4	68

Lista de gráficos

Gráfico 1: Respostas apresentadas pelos informantes do G1 à pergunta número 5 do questionário aqui abordado	42
Gráfico 2: Respostas apresentadas pelos informantes do G1 à pergunta número 6 do questionário aqui abordado	43
Gráfico 3: Respostas apresentadas pelos informantes do G1 à pergunta número 7 (parte 1) do questionário aqui abordado	44
Gráfico 4: Respostas apresentadas pelos informantes do G1 à pergunta número 7 (parte 2) do questionário aqui abordado	45
Gráfico 5: Respostas apresentadas pelos informantes do G1 à pergunta número 8 do questionário aqui abordado	46
Gráfico 6: Respostas apresentadas pelos informantes do G2 à pergunta número 5 do questionário aqui abordado	48
Gráfico 7: Respostas apresentadas pelos informantes do G2 à pergunta número 7 (parte 1) do questionário aqui abordado	50
Gráfico 8: Respostas apresentadas pelos informantes do G2 à pergunta número 7 (parte 2) do questionário aqui abordado	51
Gráfico 9: Respostas apresentadas pelos informantes do G2 à pergunta número 8 do questionário aqui abordado	52
Gráfico 10: Respostas apresentadas pelos informantes do G3 à pergunta número 8 do questionário aqui abordado	54

Gráfico 11: Respostas apresentadas pelos informantes do G4 à pergunta número 2 do questionário aqui abordado	56
Gráfico 12: Respostas apresentadas pelos informantes do G4 à pergunta número 7 (parte 1) do questionário aqui abordado	66
Gráfico 13: Respostas apresentadas pelos informantes do G4 à pergunta número 7 (parte 2) do questionário aqui abordado	66
Gráfico 14: Respostas apresentadas pelos informantes do G1, G2 e G3 à pergunta número 5 do questionário abordado para esses grupos	70
Gráfico 15: Respostas apresentadas pelos informantes do G1, G2 e G3 à pergunta número 5 do questionário abordado para esses grupos	72
Gráfico 16: Respostas apresentadas pelos informantes do G1, G2, G3 e G4 sobre se considerarem ou não bilíngues	74
Gráfico 17: Respostas dos grupos 1, 2, 3 e 4 de acordo com o conceito de bilinguismo abordado nesta pesquisa	75
Gráfico 18: Total de respostas em percentagem para a afirmação “Ser bilíngue é ser fluente em duas línguas ou em, pelo menos, duas línguas”	76

Sumário

1. Introdução	16
1.1 Tema	20
1.2 Justificativa	20
1.3 Objetivos	22
1.3.1 Geral	22
1.3.2 Específico	22
1.4 Perguntas de Pesquisa	23
2. Revisão da Literatura	23
2.1 Bilinguismo	23
2.2 Ideologia Linguística	28
3. Ideologias Linguísticas: crenças acerca do indivíduo bilíngue	31
4. Metodologia	36
4.1 Questionários	39
5. Resultados e discussão	40
5.1 Análise das respostas apresentadas pelo Grupo 1	40
5.2 Análise das respostas apresentadas pelo Grupo 2	46
5.3 Análise das respostas apresentadas pelo Grupo 3	52
5.4 Análise das respostas apresentadas pelo Grupo 4	55
5.5 Comparação dos Resultados	69
6. Conclusão	77
7. Referências	80
Anexos	82
Anexo A	82

Anexo B	83
Anexo C	84

1 Introdução

Superdiversidade¹, fluxo, fronteiras não delimitadas², avanço da tecnologia digital são apenas alguns dos resultados do que chamamos de globalização. Grandes migrações e avanços recentes das tecnologias, que estão em constante evolução, geram processos linguístico-discursivos em nossas vidas sociais que precisamos avaliar (MOITA LOPES, 2013). Tal realidade afeta a vida de todos e gera, a partir disso, diversas ideologias linguísticas³ que acabam sendo criadas e mantidas em nossa sociedade.

A temática do bilinguismo, que aqui será trabalhada, acaba sendo foco de muitas dessas ideologias, tendo em vista o mundo desterritorializado em que temos vivido. O fenômeno do bilinguismo vem sendo bastante trabalhado atualmente, principalmente com questões que abordam as vantagens da aprendizagem de línguas estrangeiras (LE). No entanto, no que tange ao entendimento do conceito de bilinguismo⁴ e às diversas questões que o circundam, ainda não são muitas as pesquisas desenvolvidas em nosso meio.

Atravessar fronteiras físicas e cibernéticas, portanto, é ter acesso ao desconhecido, ao novo, ao diferente, ao outro. Isto, por sua vez, proporciona um alcance de culturas e visões de mundo que são, por si só, enriquecedoras em diversos aspectos, sejam eles de cunho individual ou social. No senso comum, por exemplo, saber línguas estrangeiras significa ter mais facilidade de comunicação em países estrangeiros, acesso às literaturas estrangeiras, à música e ao cinema com mais facilidade do que aqueles que não conhecem a língua da região visitada/conhecida.

Além disso, dispor de diferentes códigos linguísticos proporciona muitas outras vantagens aos falantes do que as imaginadas pelo senso comum⁵. Como aponta

¹ De acordo com Vertovec (2007, apud MOITA LOPES 2013), superdiversidade é um construto criado para dar conta da explosão no número de migrações em relação a nacionalidades, línguas, etnias e religião, afetando políticas sociais relativas à força de trabalho, moradia, educação etc. como efeito da globalização em países que recebem os imigrantes.

² Digo que não temos, hoje em dia, fronteiras claramente delimitadas, tendo em vista que, com o avanço da tecnologia digital, fronteiras são ultrapassadas em apenas um clique. Além disso, a travessia de fronteiras físicas, como resultado da globalização, também favorece o acesso do conhecimento do mundo do outro.

³ Ver sessão 2.2.

⁴ Ver sessão 2.1.

⁵ Estas e outras questões serão debatidas na sessão 2.1.

Baker (2014), ter duas ou mais palavras para cada objeto e ideia, por exemplo, significa que o bilíngue dispõe de uma maior elasticidade de pensamento.

A partir disso, tornar-se bilíngue pode ser uma escolha feita na fase adulta ou condição existente desde a infância, tendo em vista famílias cujos pais e avós dispõem de diferentes idiomas. A habilidade de dominar duas ou mais línguas também exige do falante a capacidade de compreender socialmente o uso da linguagem e saber como adaptar-se linguisticamente de acordo com suas necessidades, transitando de maneira coerente entre os códigos que possui.

Atualmente, o monolíngue tem se tornado cada vez mais raro, ao contrário do que se acredita. Mais da metade da população mundial, de acordo com Harding e Riley (1986), é bilíngue, o que torna ainda mais importante o conhecimento de tal conceito no mundo atual.

Mas afinal, o que é o bilinguismo? De acordo com Grosjean (2008), é importante esclarecer que, independentemente da capacidade e das motivações individuais de cada sujeito, o indivíduo, aprendendo natural ou artificialmente, se desempenhando em baixo ou alto nível em qualquer uma das habilidades linguísticas - falar, ouvir, ler e escrever -, passa a ser considerado bilíngue.

Porém, na visão popular, só é considerado bilíngue aquele que fala duas línguas perfeitamente, que é a mesma definição antiquada do conceito de bilinguismo apresentada por Bloomfield (1935, apud MEGALE, 2012). Essa ideologia sobre o significado do conceito aqui trabalho está diretamente ligada à ideologia do purismo linguístico que frases como “eu não sei nem falar português direito (sendo esta língua materna), vou saber falar outras línguas!” comportam.

Faz-se de extrema importância, portanto, que todo sujeito bilíngue, sendo ele da área de Letras – estudantes e professores de línguas estrangeiras em cursos de formação de formadores – ou não, entenda o bilinguismo do outro e o seu próprio. É preciso que principalmente os professores de LE tenham esse conhecimento, sabendo a importância e a relevância de tal, para que sejam capazes de formar indivíduos bilíngues que também o compreendam. Assim o confirmamos em Coste, Moore e Zarate (2009), que afirmam que a aprendizagem de uma língua não termina na aplicação de abordagens comunicativas ao ensino de idiomas. É também função do professor ensinar a aprender a utilizar uma língua e, portanto, compreender amplamente o que isso significa.

Uma vez todas essas questões esclarecidas, ter-se-á uma menor propagação de tantos conceitos inadequados que circundam a vasta área que é a do bilinguismo e também, e igualmente importante, uma ajuda na aprendizagem de LE por parte dos alunos e professores.

Esta pesquisa busca investigar a visão do sujeito bilíngue sobre seu próprio bilinguismo, assim como a visão do leigo sobre a aprendizagem de dois ou mais idiomas. Para investigar essas questões foram analisados 4 grupos diferentes com o intuito de abranger os bilíngues estudantes da área de Letras, professores universitários bilíngues, os bilíngues universitários, porém de outras áreas, e os monolíngues.

Assim sendo, o primeiro é formado por estudantes do curso de Letras licenciatura dupla ou simples em LE; o segundo por professores universitários – formadores de formadores – atuantes na área de LE, podendo ter formação em licenciatura dupla ou simples em LE; o terceiro é composto por universitários falantes de duas ou mais línguas e o quarto e último grupo, por sujeitos de fora da universidade que sejam monolíngues e nunca tenham ingressado e nem concluído algum curso superior ou técnico.

As entrevistas foram feitas presencialmente, gravadas em formato de áudio, a partir da aplicação de um questionário que contém 8 perguntas. Já as entrevistas feitas com os professores universitários ocorreram a partir de um questionário respondido de forma virtual e anônima.

Acredita-se, portanto, que existam algumas opiniões sobre o conceito de bilinguismo. Nesse sentido, esta pesquisa apresenta como hipótese a existência de quatro principais⁶ ideologias linguísticas – ainda que essas possam ser divididas em outras subcategorias:

A. Existe preconceito com falantes de LE;

- preconceito por parte do interlocutor com falantes que dispõem de duas ou mais línguas estrangeiras, pois apresentam sotaque em algumas delas ou em todas;

⁶As ideologias linguísticas apresentadas nesta pesquisa não representam a lista exaustiva das ideologias linguísticas existentes em torno do termo bilinguismo. No entanto, as aqui analisadas são suficientes para dar conta do objetivo desta pesquisa.

- preconceito ou sentimento de inferioridade por parte do próprio falante bilíngue que dispõe de duas ou mais línguas estrangeiras, pois apresenta sotaque em algumas delas ou em todas;
- preconceito por parte do interlocutor com falantes de línguas minoritárias;
- preconceito ou sentimento de inferioridade por parte do falante bilíngue de línguas minoritárias;
- preconceito por parte do interlocutor pela variante falada na língua materna do locutor.

B. Pensa-se que ser bilíngue pode ser positivo ou negativo;

- o fenômeno do bilinguismo é positivo em função da troca cultural existente na relação entre línguas e povos;
- o fenômeno do bilinguismo é negativo pelos mesmos fatores citados no item acima;
- o bilinguismo é negativo quando imposto em crianças na fase de aquisição da língua materna;

C. Muitos bilíngues não se consideram bilíngues;

D. Muitos bilíngues não conhecem o conceito de bilinguismo;

- ser bilíngue é ser igualmente fluente nos códigos de que dispõe;
- ser bilíngue é nascer em ambiente bilíngue;
- ser bilíngue é ter conhecimento em LE, ainda que não muito evoluído e em, pelo menos, uma das habilidades linguísticas.

1.1 Tema

Investigação do entendimento sobre o conceito de bilinguismo e os demais assuntos que o circundam a partir da aplicação de questionário proposto para estudantes do curso de Letras licenciatura dupla ou simples em LE; professores universitários – formadores de formadores – atuantes na área de LE, tendo formação em licenciatura dupla ou simples em LE; universitários falantes de duas ou mais línguas e, por fim, sujeitos monolíngues que possam ter ingressado em algum curso superior ou técnico, porém não concluído, e que não tenham contato com LE.

1.2 Justificativa

Os estudos na área do bilinguismo são bastante vastos porque seus fenômenos estão presentes no cotidiano da maior parte da população desde sempre. Como sugere o Mito da Torre de Babel (*Gênesis 11, 1-9*) citado em Couto (2009), o Senhor, como castigo, confundiu a linguagem do povo, além de dispersá-la pela terra. Sem aprofundar na relevância dessa passagem bíblica, percebe-se que ela parece apontar na direção certa. A linguagem tende a se diversificar, em função de diversos fatores, primeiro dialetalmente e depois em direção ao plurilinguismo. A partir disso, é possível imaginar que, em algum momento na história do homem, tenha havido uma única língua, comum a todos os povos, mas que hoje há um contato linguístico diversificado e que é inerente à condição humana.

Essas e outras questões estão diretamente ligadas à visão do bilíngue sobre seu próprio bilinguismo e às demais temáticas relacionadas ao assunto. À medida que o plurilinguismo se torna recorrente, há o surgimento de diversas crenças sobre o assunto, o que pode ajudar ou não no seu entendimento geral. No entanto, é preciso levar em consideração o contexto em que diferentes povos vivem, podendo ele ser majoritariamente plurilíngue ou não. Assim, por exemplo, acredita-se que, em contexto nacional, existam diversas ideologias sobre o bilinguismo, tendo em vista a predominância de bilíngues desequilibrados. Por outro lado, em várias regiões da África, acredita-se que o panorama seria distinto quanto às crenças, uma vez que o

bilinguismo é predominantemente equilibrado (com a maior presença de bilíngues equilibrados).

É nesse sentido que é preciso compreender o papel que o ensino e a aprendizagem de línguas estrangeiras têm na sala de aula. Tendo em vista que uma sociedade é composta por diversas línguas e, portanto, culturas e maneiras de enxergar o mundo, existe a necessidade de saber lidar da forma mais adequada possível com tal assunto. Questões como o preconceito linguístico, cultural ou social, assim como a própria aprendizagem de línguas, estão diretamente ligadas ao estudo e à compreensão do bilinguismo.

É importante dizer que esta pesquisa busca identificar e analisar a opinião de quatro diferentes grupos sobre questões que estão em torno do conceito de bilinguismo, tendo sempre como principal foco o ensino e a aprendizagem de LE. Apesar disso, acredita-se também que o entendimento do conceito aqui trabalhado deva ser bem compreendido por todas as pessoas, sendo elas ou não profissionais da área de Letras, visto que tal conceito implica questões sociais outras além da sala de aula de LE⁷.

Vale destacar que a presente pesquisa foi motivada a partir das diversas opiniões que falantes brasileiros têm sobre o conceito de bilinguismo e questões que o permeiam. Portanto, acredito que a investigação desse assunto tem bastante relevância social no que tange ao ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras no Brasil. Desse modo, o estudo de tal fenômeno pode não ser igualmente relevante em países cujo plurilinguismo é bastante presente na vida dos indivíduos desde a infância.

⁷ Essas e outras questões serão mais bem discutidas na sessão 3.

1.3 Objetivos

1.3.1 Geral

Identificar a existência de ideologias linguísticas existentes em torno do conceito de bilinguismo, bem como verificar a importância e a relevância social e individual existente no entendimento sobre o conceito de bilinguismo nos 4 diferentes grupos aqui analisados.

1.3.2 Específicos

A partir da análise dos dados coletados e da investigação comparativa entre os grupos de entrevistados, pretende-se mais especificamente:

- verificar a existência de preconceito linguístico com falantes de línguas estrangeiras ou minoritárias;
- examinar a opinião dos informantes sobre as vantagens e desvantagens de ser bilíngue;
- verificar tipos de ideologias existentes entre bilíngues da área de Letras, bilíngues de outras áreas e monolíngues sobre o conceito de bilinguismo;
- analisar de que modo os bilíngues da área de Letras dos cursos de licenciatura dupla – formação de professores de língua materna e língua estrangeira – ou em formação apenas em LE, professores universitários atuantes na área do ensino de LE, bilíngues e leigos de outras áreas compreendem o conceito de bilinguismo e as demais questões relacionadas a ele, tendo em vista sua formação bilíngue.

1.4 Perguntas de pesquisa

- No ensino de línguas estrangeiras, o conhecimento do conceito de bilinguismo e das ideologias que o circundam por parte de aluno e professores influencia o ensino e a aprendizagem de LE?
 - Sobre o entendimento do conceito de bilinguismo e a sua relevância social e individual, qual a diferença existente entre os 4 grupos analisados?
 - O bilinguismo é um fenômeno pouco compreendido entre bilíngues, seja por parte de alunos e professores de Letras, bilíngues e leigos de outras áreas?
 - Quais são opiniões e ideologias mais recorrentes em torno do bilinguismo?

2 Revisão de literatura

2.1 Bilinguismo

O bilinguismo é tido atualmente como um fenômeno mundial e recorrente. Quase todos os países do mundo, bem como todas as classes sociais e faixas etárias dispõem de dois ou mais idiomas, sendo o monolinguismo a exceção.

De acordo com Moore (2006), tem-se aproximadamente 8000 línguas faladas para 200 países, o que comprova a impossibilidade da predominância do monolinguismo. Somente no Brasil, por exemplo, como vemos em Cardoso (2016), os dados levantados pelo IPOL⁸ apontam que existem aproximadamente 250 línguas faladas, sendo elas divididas entre as línguas indígenas, de sinais, de comunidades afro-brasileiras e de imigração.

Não obstante, o senso comum tende a crer que o Brasil é um país monolíngue cuja língua portuguesa é a única existente. Essa concepção desconsidera todo o trajeto histórico pelo qual nosso país passou, tornando todas as línguas de

⁸ Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística.

colonização, de sinais e de imigração minorias irrelevantes. Estas e outras questões serão discutidas com maior profundidade na sessão 2.2.

Além disso, de acordo com Journet (2015), a partir dos dados levantados pela UNESCO⁹, mais da metade das crianças de 8 anos de idade no mundo falam uma língua no ambiente escolar e outra com os pais. O autor aponta que tal fenômeno é comumente observado em países cujo plurilinguismo se faz bastante presente. Nesse sentido, percebe-se que o bilinguismo é cada vez mais predominante em bilíngues equilibrados que em desequilibrados¹⁰, ou seja, aqueles que aprendem duas ou mais línguas ainda na infância em situação natural são mais facilmente encontrados no mundo que aqueles que aprendem línguas em situação artificial.

Portanto, para que se inicie a compreensão do conceito de bilinguismo predominante na literatura atual e, do mesmo modo, abordado nesta pesquisa, pode-se dizer que este ocorre em dois aspectos, o social e o individual. Em ambos, a relação existente entre as línguas é inerente à condição do bilíngue. Quando referente ao aspecto social, tem-se o contato interidioletal, pois ocorre entre indivíduos que compartilham do mesmo idioma, e o interlinguístico, quando ocorre entre línguas diferentes. Na perspectiva individual do bilinguismo, nosso cérebro, em toda e qualquer conversação, recorre aos sistemas linguísticos disponíveis ou como estratégia de comunicação ou por necessidade toda vez que nos comunicamos com o mundo.

Como apontam Coste, Moore e Zarate (2009), a passagem de uma língua a outra em um mesmo discurso não é um indício da incapacidade dos locutores em distinguir as línguas de forma clara¹¹. Na verdade, isso demonstra o domínio do falante em alternar, de forma adequada, dois códigos linguísticos distintos.

Nesse sentido, pode-se dizer também que, como apontam Harding e Riley (2003), todos nós falamos um dialeto e temos sotaque¹², pois todo falante tem diversos “estilos” de fala que se moldam de acordo com a situação¹³. Se pensarmos

⁹ Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

¹⁰ Ainda que o bilinguismo tenha se apresentado cada vez mais em bilíngues equilibrados, esses mesmos indivíduos também podem ser considerados bilíngues desequilibrados, porém em outros pares de línguas.

¹¹ Tradução minha de “Le passage d’une langue à l’autre dans le même discours n’est pas un indice de l’incapacité des locuteurs à les distinguer clairement.”

¹² Tradução minha de “We all speak a dialect and we all have accents” (p. 10).

¹³ Tradução minha de “[...] every speaker has a number of different ‘styles’ that he changes according to the situation” (p.17).

por este viés, a alternância entre as variações linguísticas¹⁴ é inerente à condição do sujeito falante tanto social quanto individualmente.

Além disso, pode-se dizer que existem diversas concepções e abordagens que pretendem dar conta desse conceito. Uma delas é a de Bloomfield (1933, apud HARDING e RILEY, 2003) que se refere ao bilinguismo como “o controle de duas línguas semelhante ao de um nativo”¹⁵. Essa concepção, portanto, pressupõe que um nativo de determinada língua é capaz de se desempenhar com excelência nas quatro habilidades linguísticas da sua(s) língua(s) materna(s). No entanto, não somos capazes de abranger lexicalmente todo o conhecimento existente nem mesmo em nossa língua materna (HARDING e RILEY, 2003). Uma mãe que fala em francês com os filhos em casa e em inglês com os advogados e colegas de trabalho usará um vocabulário distinto em ambas as línguas, tendo em vista as funções que elas englobam. Assim sendo, todos dominamos uma parte da nossa língua materna, reconhecendo que nosso conhecimento em duas ou mais línguas raramente será idêntico ou equivalente à totalidade de conhecimento no que tange ao léxico, por exemplo.

Uma questão bastante importante sobre o termo bilinguismo diz respeito à ideia de que bilinguismo, em função do prefixo bi, denomina falantes de até duas línguas. No entanto, esse fenômeno pode ser definido como o ato de possuir duas línguas, ainda que em graus de proficiência diferentes, podendo ainda definir aqueles que fazem uso de três, quatro ou mais línguas (BARKER e PRYS, 1998; LI WEI, 2000 apud MEGALE, 2012).

Compreendo, portanto, o bilinguismo assim como Mozzillo (2001), que no mesmo sentido que os autores anteriores, afirma que existe um *continuum* que parte dos monolíngues e que chega aos equilíngues. Nesse trajeto, pertencem à categoria dos bilíngues desequilibrados os aprendizes recentes de outra língua (bilíngues incipientes) assim como aqueles que apenas leem em outro sistema ou ainda os que não querem ou não conseguem falar outra língua por razões pessoais ou de competência, mas a compreendem bem (bilíngues passivos ou receptivos). Ainda nesse sentido, também são considerados bilíngues desequilibrados aqueles falantes

¹⁴ Entendo variação linguística assim como Cardoso (2016): diversidade de falares, (sotaques, vocabulários, sintaxe etc) em um mesmo idioma. Essas variações podem ser decorrentes de fatores históricos, socioculturais e/ou históricos.

¹⁵ Tradução minha de “native-control of two languages” (p.33).

que atingem alto nível de desempenho em todas as habilidades linguísticas de uma língua, mas que ainda assim não conseguem passar por nativo quando avaliados por um. No outro extremo do *continuum* existem os que são considerados bilíngues equilibrados ou equilíngues, por serem justamente capazes de se desempenharem como nativos de duas ou mais línguas. Estes, por sua vez, são reconhecidos como falantes nativos de determinado idioma pelo seu interlocutor que deverá reconhecer ou não sua fala como a de um nativo. A imagem a seguir mostra a perspectiva apresentada pela autora:

Figura 1: Quadro do *continuum* existente entre monolíngues e bilíngues equilibrados



A partir disso, os aprendizes de uma língua alvo são bilíngues desequilibrados porque estão adquirindo um novo sistema linguístico denominado interlíngua (SELINKER, 1972), que tem elementos da(s) língua(s) materna(s), de outras conhecidas e da que se quer adquirir, conformando, assim, um terceiro sistema linguístico. A interlíngua do aprendiz existe a partir do momento em que ele dispõe de rudimentos de, pelo menos, uma das quatro habilidades linguísticas da língua alvo. Assim, o nível dessa interlíngua pode ser ou não elevado, o que não compromete o bilinguismo do falante.

É importante destacar que tornar-se bilíngue, seja na infância ou na fase adulta, afeta toda a vida dos indivíduos, bem como a vida de seus familiares e amigos (BAKER, 2014). O bilinguismo, enquanto fenômeno linguístico e altamente recorrente, interfere diretamente na identidade dos sujeitos, afetando seus relacionamentos, escola, cultura, viagem e pensamento (BAKER, 2014). É claro que monolíngues também podem acessar duas ou mais culturas, a partir de diferentes bairros, comunidades, países, como aponta o autor. No entanto, o indivíduo bilíngue tem a vantagem de poder penetrar verdadeiramente em duas ou mais línguas e culturas.

O bilinguismo apresenta ainda diversas outras vantagens. Como afirma o estudioso, ter duas ou mais palavras para cada objeto e ideia pressupõe uma maior *elasticidade de pensamento*¹⁶. Além disso, bilíngues tendem a ter uma atenção mais seletiva com relação aos enunciados que escutam, captando as partes mais importantes e desconsiderando as menos relevantes (BAKER, 2014). No entanto, essas vantagens aparecem somente em bilíngues equilibrados ou em desequilibrados com alto nível de desempenho nas habilidades linguísticas. Caso contrário, ainda de acordo com o mesmo autor, monolíngues e bilíngues com baixa proficiência apresentam o mesmo desempenho cognitivo.

Bilíngues também possuem, como aponta Mozzillo (2001), alta capacidade de reconstrução de situações perceptuais, assim como maior inteligência verbal e não verbal. Além disso, eles têm maior sensibilidade para inferir relações semânticas entre palavras e maior facilidade para formar conceitos devido à sua habilidade em manipular dois sistemas simbólicos (HAMERS e BLANC, 1989, apud MOZZILLO, 2001).

A partir desses conceitos, como já apresentado anteriormente, grande parte da população mundial é considerada bilíngue, sendo o monolingüismo a exceção (HARDING e RILEY, 1986). Esta questão está diretamente ligada à visão do leigo e do próprio bilíngue sobre o que se acredita ser o conceito de bilinguismo. Para que seja possível compreender tal afirmação e concebê-la como regra, é necessário que tanto os indivíduos bilíngues quanto os monolíngues tenham consciência do significado do que é o bilinguismo e da relevância social e individual que tal questão representa.

¹⁶ Tradução minha de “Having two or more words for each object and idea may mean there is more *elasticity in thinking*” (p. 55). (Grifos do autor)

2.2 Ideologias linguísticas

Se prestarmos atenção no comércio de cada cidade, estado e país que visitamos, facilmente conseguiremos notar que, apesar da distância, todos esses lugares compartilham das mesmas lojas, marcas, restaurantes etc. Este é apenas um dos sintomas da globalização.

Em tempos de superdiversidade, no mundo em que vivemos hoje nada de relevante se faz sem discurso (MILTON SANTOS, 2000, apud MOITA LOPES, 2013). É nesse sentido que a linguagem acaba assumindo um valor muito importante em nossas vidas. Junto a isso, a necessidade de compreender a língua[gem], cultura, identidade se faz cada vez mais pertinente.

Como aponta Bakhtin ([1929], 2014), na maioria dos casos de pesquisas que envolvem problemas ideológicos, esses problemas acabam sendo vistos somente como manifestações da consciência, cuja natureza é psicológica. No entanto, tal concepção reduz as ideologias a problemas individuais, sendo que a linguagem, de acordo com a sua perspectiva, é resultado de ideologias acerca dos mais diversos assuntos.

Assim, são diversas as ideologias que permeiam o fenômeno do bilinguismo, que aqui é estudado, potencializando ambientes discriminatórios de grupos e indivíduos, tanto bilíngues quanto monolíngues. Não focando somente nas questões sociais sobre esse assunto, essas ideologias estão também diretamente relacionadas ao ensino e à aprendizagem de LE¹⁷.

O contato entre povos e línguas, se não for bem acompanhado e didatizado, proporcionará um espaço diglótico¹⁸, com conflitos de diversos tipos, híbrido e não acompanhado em que a harmonia da existência de diversas línguas e povos não terá lugar (ESCUDE e JANIN, 2010).

É nesse sentido que as ideologias linguísticas, assim nomeadas na antropologia linguística, são “crenças, ou sentimentos sobre as línguas como são usadas em seus mundos sociais” (KROSKRITY, 2004 apud MOITA LOPES, 2013) ou então “as ideias com as quais participantes e observadores [linguistas, etnógrafos, elaboradores de políticas linguísticas públicas e de currículos para ensino de línguas

¹⁷ Ver sessão 3.

¹⁸ Verificar conceito na página 35.

etc.] enquadram suas compreensões das variedades linguísticas e projetam essas compreensões nas pessoas, eventos, atividades que são significativas para eles, convocando efeitos de significados variados na vida social” (IRVINE e GAL, 2000 apud MOITA LOPES, 2013). É possível notar, então, que as ideologias linguísticas podem ser estudadas tanto na perspectiva de falantes leigos ou bilíngues, como também na de estudiosos da linguagem.

Desse modo, as ideologias linguísticas são múltiplas e advêm de perspectivas políticas, culturais e econômicas específicas (MOITA LOPES, 2013). Ou seja, cada ideologia existe socialmente, mantendo-se muitas vezes por um longo tempo, e individualmente, sendo apenas a ponta de um iceberg, o resultado de questões históricas e políticas visto a partir da língua[gem] e de seu uso por falantes tanto bilíngues quanto monolíngues. Por isso, essas ideologias linguísticas são

“compreensões de como a linguagem ou línguas específicas têm sido ou não entendidas com base em como são situadas em certas práticas sócio-históricas, inclusive aquelas visões elaboradas por pesquisadores e teóricos da linguagem, derivadas do espírito intelectual ou da perspectiva epistemológica de seu tempo”. (MOITA LOPES, 2013)

Ou seja, devemos compreender que “nenhum conhecimento é privilegiado ou que nenhuma teoria é transparente ou tem acesso à verdade” (MOITA LOPES, 2013). No entanto, esta ainda é uma questão bastante difícil de ser apoiada principalmente por estudiosos da linguagem, visto que suas pesquisas operam dentro de ideias positivistas, objetivistas, descritivistas, estruturalistas e cientificistas de construção do conhecimento, ignorando a natureza ideológica dos mesmos. Essa visão esteve presente em grande parte dos estudos feitos no século XX (e ainda está), no que se chama de linguística modernista ou “objetivismo abstrato”, como aponta Bakhtin ([1929], 2014, apud MOITA LOPES, 2013).

Moita Lopes (2013) ainda apresenta o conceito de ideologias linguísticas na visão de Kroskrity (2004) como um “conceito... que abarca uma série de dimensões convergentes”. Essas dimensões são divididas em 5 e contemplam vários aspectos possíveis para o entendimento das ideologias linguísticas.

A primeira dimensão consiste no fato de que as ideologias linguísticas refletem os interesses de um grupo social e cultural específico. Um bom exemplo para esta

dimensão é o caso das ideologias linguísticas feministas, em que um grupo de pessoas defende determinadas questões políticas e sociais.

Outro exemplo dessa dimensão é o da ideologia linguística da norma. Aqui, existe o interesse de determinado grupo em defender o uso formal da língua, desamparando sociolinguisticamente todos aqueles que não o dominam.

A segunda dimensão aponta que as ideologias linguísticas são variadas, visto que seus significados sociais se referem a uma multiplicidade de divisões sociais de gênero, classe social, geração, sexualidade, nacionalidade etc. Assim, utilizando o mesmo primeiro exemplo apresentado na dimensão anterior, as ideologias linguísticas feministas devem ser compreendidas como produzidas por um determinado grupo de mulheres, que podem ser intelectualizadas, de classe média e, no Brasil, brancas – em sua grande maioria. Apesar disso, sempre de acordo com o mesmo autor, essas ideologias podem ser compreendidas como a vontade de neutralizar o que, historicamente, definiu que o homem, por ser considerado mais capaz e poderoso em diversos aspectos, representa, a partir da palavra “homem”, a raça humana como um todo.

A terceira dimensão diz respeito ao fato de que a consciência que os integrantes de determinado grupo têm sobre as ideologias linguísticas é variável, visto que os falantes nem sempre dispõem de uma consciência explícita das ideologias linguísticas que geram seus usos. Ou seja, essas ideologias podem não existir apenas no campo da consciência, mas também no da inconsciência.

Um exemplo para essa dimensão apontado pelo autor é a fala de uma mulher que acompanha uma audiência. Em certo momento, ela se dirige ao juiz e diz “Sei que não posso falar, mas queria agradecer seu julgamento”. Esse comentário releva o nível de consciência que essa mulher tem sobre a ideologia linguística de que não é possível falar no decorrer de uma audiência.

A quarta dimensão diz respeito ao fato de que as ideologias linguísticas fazem a mediação entre a linguagem em uso e as estruturas sociais. Essa mediação ocorre, pois a fala desses sujeitos é marcada pelas experiências socioculturais dos falantes e escritores, fazendo com que questões indeníveis fiquem em evidência a partir dos seus discursos.

A quinta dimensão tem a ver com o modo com que essas ideologias linguísticas são utilizadas na construção de identidades nacionais e culturais dos indivíduos, assim como nacionalidade e etnia. O fenômeno do compartilhamento de certas

línguas, por exemplo, tem sido utilizado para demarcar diferenças entre grupos, podendo assim reprimir línguas ou variedades ou até mesmo causar o apagamento de algumas delas. No Brasil, a ideologia do senso comum de que este é um país monolíngue é bastante forte, apesar dos usuários de Libras, das 274 línguas indígenas (ver Censo IBGE, 2010)¹⁹, das línguas de fronteiras como espanhol, guarani, francês, inglês, holandês, alemão, japonês etc. Essa é uma ideologia linguística que desconsidera completamente seus falantes bilíngues e multilíngues, ignorando suas necessidades.

Esta é uma dimensão bastante importante, visto que concepções como nação, etnia e pertencimento estão diretamente interligados e dependem da língua. É nesse sentido que compreendemos que uma língua representa mais do que apenas cultura e identidade, mas também poder político e social.

É com base nessas 5 dimensões e nas reflexões feitas acima que compreendo as ideologias linguísticas. É preciso dizer que são diversos os conceitos dados para o significado de ideologia linguística, no entanto, os apresentados até o momento contemplam as necessidades desta pesquisa.

3 Ideologias linguísticas a respeito de falantes bilíngues e monolíngues

A partir das concepções sobre ideologias linguísticas aqui apresentadas, esta sessão pretende dar conta das principais e mais recorrentes ideologias sobre os indivíduos bilíngues. Acredita-se que essas ideologias estejam diretamente ligadas ao comportamento desses sujeitos, influenciando, portanto, suas ações e comprometendo o ensino e a aprendizagem de LE, assim como o entendimento de sujeitos leigos e bilíngues sobre a diversidade cultural e social existente no Brasil e no mundo.

Junto a isso, visto que esta pesquisa busca investigar as ideologias sobre o conceito de bilinguismo, bem como outros aspectos que o entendimento desse conceito abrange, faz-se necessário comentar o contexto histórico brasileiro sobre o

¹⁹ De acordo com Cardoso (2016), os dados apresentados pelo Censo 2010, que apontam para a existência de 274 línguas indígenas, são maiores daqueles que os pesquisadores costumam reproduzir, que é em torno de 180 línguas indígenas.

ensino de LE. De acordo com Coelho (2006), o Brasil passou por três principais fases no ensino de línguas estrangeiras nas escolas a partir da década de 40.

O primeiro momento é o período pós-segunda guerra mundial, entre os anos 40 e 60. Nessa época, havia poucas escolas públicas e o nível de ensino delas era igual ao das escolas particulares. O modelo de ensino desse momento era inspirado no modelo europeu humanístico, com grande influência francesa e incluía o estudo de, pelo menos, três idiomas, sendo eles o francês, o inglês, o espanhol e o latim.

O segundo momento histórico do ensino de línguas estrangeiras no Brasil foi o da ditadura, de 1964 até 1985. Nesse período, a tradição francesa foi abandonada e junto às disciplinas de LE, as artes e as ciências humanas foram fortemente prejudicadas. O interesse passou a ser voltado para as exatas. Pelos anos 70, começou-se a notar que o mundo estava se tornando cada vez mais globalizado e, portanto, aprender a falar inglês passou a ser ainda mais importante.

O terceiro momento faz referência às últimas reformas educacionais feitas pela LDB (1996) e nos PCNs (1998). Nesse período, aprender uma língua estrangeira passou a ser mais do que desenvolver as quatro habilidades linguísticas, passou também a ser entendido como algo mais, reconhecendo a importância dessa disciplina que tem como base uma vasta área de questões a serem trabalhadas.

Nesse sentido, vemos que, de acordo com Leffa (1999), o ensino de línguas estrangeiras nas escolas diminuiu consideravelmente nos dias de hoje, tendo em vista a quantidade de LE que eram incluídas no ensino regular antigamente e as que são incluídas hoje em dia²⁰. Com isso, é possível notar que a importância dessa disciplina nas escolas brasileiras diminuiu bastante, fazendo com que o ensino de LE deixasse, aos poucos, de ser um direito para grande parte da população e passasse a ser um privilégio de poucos.

Pode-se dizer que grande parte dos falantes de línguas estrangeiras no Brasil teve acesso a esse conhecimento somente a partir de escolas privadas de ensino de línguas, ou então através de cursos de licenciatura dupla ou simples que universidades públicas e privadas oferecem. Existem também aqueles que tiveram outras oportunidades, como a presença de familiares bilíngues, intercâmbios ou aqueles que aprenderam por conta própria. No entanto, tendo em vista a situação atual de ensino de língua estrangeira nas escolas brasileiras, tanto públicas quanto

²⁰ É preciso dizer que embora as LE estivessem bastante presentes nas escolas de educação básica, o acesso a elas não era para todos. Logo, a aprendizagem de LE também era limitada àqueles que frequentavam a escola.

privadas, cujas salas têm vários alunos e o professor dispõe de pouco tempo em sala de aula, aprender LE no Brasil continua sendo visto como um privilégio daqueles que podem investir separadamente nisso.

A sala de aula de língua estrangeira é, portanto, um ambiente bilíngue de aprendizagem de outros idiomas e também de outras culturas. A possibilidade de conhecer tais culturas e línguas permite uma reflexão sobre tradições e ideais de outros povos, assim como a percepção do outro enquanto indivíduo portador de uma identidade única. Aprender uma LE não significa somente a capacidade de expressão em outro idioma, mas também o entendimento da história e da cultura de determinado povo. É nesse ambiente que se encontra uma grande diversidade de línguas e culturas e é preciso, então, saber como proporcionar um trabalho correto com todos esses indivíduos bilíngues.

Além disso, a sala de aula bilíngue acaba sendo um ambiente no qual a alternância entre dois ou mais sistemas linguísticos é normal e, por vezes, necessária. Como vemos em Moore (2006), “a escola é um ambiente de integração de línguas tanto no nível institucional, quanto de práticas sociais cotidianas”²¹. No entanto, muitos professores acabam enfrentando tal realidade de maneira inadequada, tendo em vista as grandes questões linguísticas e culturais que o plurilinguismo engloba.

Um bom exemplo para tal questão é a visão que muitos professores de LE têm sobre a alternância entre códigos linguísticos em sala de aula. A ideia de que é preciso falar somente na língua estudada durante a aula pode, ao contrário do desejado, dificultar a aprendizagem da língua. Sabe-se, portanto, que a relação existente entre os idiomas e a necessidade de relação entre a língua materna e a língua estudada só auxiliam no processo de ensino de línguas.

Com isso, vemos que há grande quantidade de ideologias existentes em torno do bilinguismo e, dessa forma, do professor bilíngue e que todo o ensino de LE pode estar sendo prejudicado pela propagação incessante de ideias sobre esse assunto. Um exemplo é o mito do professor nativo, apresentado por Basso (2006) em sua pesquisa. Não somente os alunos acreditam que o melhor professor de LE é o nativo, como também os próprios professores. Esta é uma crença apresentada por muitos falantes bilíngues que alegam que falar com “sotaque” em uma língua estrangeira não é algo positivo.

²¹ Tradução minha de: “L'école est un lieu où l'intégration des langues se pose à la fois au niveau institutionnel et au niveau des pratiques sociales quotidiennes.”

O que acaba sendo alarmante é que essas ideologias não surgem somente entre leigos bilíngues e monolíngues. Estudantes de Letras de licenciatura em LE, assim como muitos professores universitários de línguas, desconhecem todas essas questões políticas, sociais e individuais existentes por trás do ensino e aprendizagem de LE. Desse modo, acabam colaborando para a propagação dessas ideias e as tornando cada vez mais presentes nas salas de aula de língua das universidades.

Faz-se de extrema importância que o professor de LE, que é evidentemente bilíngue, tenha conhecimento sobre seu próprio bilinguismo, sabendo a importância e a relevância de tal, e que seja capaz de formar indivíduos bilíngues que também o compreendam. Somente assim o bilinguismo passará a ser mais bem trabalhado e entendido tanto por parte dos alunos quanto dos professores.

Outro exemplo é o fato de atribuir um valor social e econômico àqueles que falam línguas estrangeiras, justamente por serem sujeitos que podem pagar por aulas particulares ou em grupo separadamente da escola. Junto a isso, também são vistos, muitas vezes, como indivíduos mais inteligentes²² – somente por terem tido acesso à aprendizagem de LE.

Por isso, pode-se dizer que as crenças em torno do bilinguismo atingem o indivíduo bilíngue e seu meio social. Dominar dois códigos linguísticos pode representar algo bastante relevante na vida de um falante, assim como pode ser motivo de repreensão, visto que a língua está diretamente ligada à identidade e à cultura.

Assim, a língua estrangeira não é vista somente como um privilégio, que atribui valor ao falante, tanto social quanto intelectual. Falantes bilíngues de línguas minoritárias, por exemplo, assim como bilíngues que não moram em seu país de origem, podem ser estigmatizados ou por falarem línguas de pouco valor global, ou por se comunicarem em um idioma cuja pronúncia terá grande influência da sua língua materna.

É nesse sentido que se tem o fenômeno chamado diglossia. De acordo com Mozzillo (2001), ele ocorre “a partir do momento em que é possível estabelecer algum grau de hierarquia entre as línguas de um sujeito”. Desse modo, pode ocorrer tanto em um indivíduo como em uma sociedade e, em ambos os casos, poderia ser evitado

²² De acordo com Baker (2014), pesquisas feitas há pelo menos 50 anos apontam diversas vantagens cognitivas de bilíngues em relação aos monolíngues. No entanto, não é relevante para esta pesquisa aprofundar tal tópico.

se os bilíngues em geral, sendo eles da área de Letras ou não, compreendessem a importância e a relevância do entendimento do conceito de bilinguismo.

A partir dessas questões apresentadas, para ilustrar as principais impressões sobre o indivíduo bilíngue e a influência de tais rótulos na construção do sujeito, de acordo com Vieira e Moura (2000), existem pelo menos dois tipos de políglotas: o esnobe e o ignorante. Esses apontamentos feitos pelos autores nos permitem estabelecer dois polos entre as opiniões existentes: falar duas ou mais línguas é extremamente favorável e socialmente representa mais do que apenas o conhecimento de línguas, pois representa também inteligência e, por outro lado, falar duas ou mais línguas é algo indiferente ou negativo para aquele falante que não sabe reconhecer e também não é reconhecido como sendo privilegiado, em diversos aspectos, por saber duas ou mais línguas.

No primeiro caso, no do esnobe, a crença de que o falante de línguas estrangeiras é mais inteligente até pode ser reconhecida como uma verdade, mas para isso é preciso esclarecer algumas questões. Em ambiente natural, todo sujeito é capaz de aprender outra língua sem grandes esforços, não entrando em questões de desempenho linguístico e partindo do princípio de que o tempo de exposição seja suficiente e o filtro afetivo seja baixo – o que facilita, de acordo com Krashen (1982), a aquisição de outro idioma.

O bilíngue que aprende uma LE em sala de aula, em situação artificial, portanto, é que poderia ser considerado mais inteligente, já que todo seu desempenho depende, em grande parte, do esforço individual aplicado, assim como da sua aptidão linguística. Com isso, nota-se que existem duas possibilidades de aprender um idioma e apenas uma delas exigiria algum tipo de aptidão. Isso não significa, porém, que um indivíduo bilíngue tenha mais capacidade intelectual e prática de aprender e desempenhar todas e quaisquer tarefas possíveis. O falante bilíngue pode ter grande facilidade em aprender diversas línguas, assim como ler e escrever com maior habilidade, mas isso não significa necessariamente que ele seja tão bom em outras atividades quanto na aprendizagem de línguas estrangeiras.

O bilíngue ignorante, no entanto, representa aquele indivíduo que pode não considerar positivo falar duas ou mais línguas – principalmente se essas línguas forem de pouco prestígio. Além disso, ele pode não se considerar bilíngue justamente por não saber o significado do conceito. Como já exposto, de acordo com Mozzillo (2001),

bilíngue é aquele capaz de se comunicar, em qualquer nível de interlíngua, em outros idiomas.

Essa visão não parece estar clara o suficiente, pois, de acordo com os dados colhidos e as hipóteses inicialmente levantadas, bilíngue poderia ser o sujeito capaz de se desempenhar com fluência nas quatro habilidades linguísticas ou então aquele que aprende línguas estrangeiras em ambiente natural – morando no país, por exemplo. Ainda no caso do bilíngue ignorante, embora também no anterior, é possível notar que o conceito de bilinguismo, bem como todas as diversas questões que o cercam, está permeado de ideologias, tanto daqueles que enaltecem o indivíduo, quanto daqueles que o subestimam. Esses e outros mitos serão mais bem discutidos em seguida.

Todas essas questões estão diretamente relacionadas à importância do esclarecimento sobre o bilinguismo e as questões que o acompanham. O não entendimento do conceito pode dificultar a aprendizagem de LE, assim como prejudicar emocional e socialmente todo falante de língua minoritária ou de língua que não foi e não será totalmente adquirida.

4 Metodologia

A metodologia desta pesquisa consiste na aplicação de um questionário contendo perguntas relacionadas à opinião dos entrevistados sobre questões referentes ao bilinguismo, como o comportamento do bilíngue com relação a si e aos outros e o quanto e como as ideologias em torno de tal conceito influenciam no meio social e na aprendizagem desses indivíduos. É importante destacar que cada participante assinou o Termo de consentimento livre e esclarecido antes da coleta dos dados. Além disso, destaca-se também que algumas entrevistas foram feitas em francês ou espanhol, tendo em vista a nacionalidade dos entrevistados.

Os informantes foram divididos em 4 grupos, sendo eles: bilíngues²³ da área de Letras, bilíngues de outras áreas, monolíngues e professores universitários bilíngues da área de Letras. O primeiro grupo, bilíngues da área de Letras (Grupo 1 – G1),

²³ O conceito de bilinguismo adotado para esta pesquisa encontra-se na sessão 2.1.

contém somente alunos de graduação em licenciatura dupla (aqueles que seguem formação em duas línguas – materna e estrangeira) ou simples em LE, alunos de pós-graduação ainda em formação – que já tenham concluído o curso de Letras licenciatura dupla ou simples em LE – podendo ou não já atuar como professores em cursinhos, escolas ou como professores particulares. É imprescindível que os informantes do G1 já tenham cursado pelo menos a disciplina de Linguística Aplicada, na qual se estudam conceitos como o de bilinguismo, Línguas em Contato em geral, relação professor e aluno em sala de aula de LE etc.

Não fazem parte desse grupo professores universitários. Os informantes do grupo podem ter qualquer nacionalidade, inclusive dispor de uma ou mais línguas maternas²⁴.

O segundo grupo é destinado aos bilíngues de outras áreas (Grupo 2 – G2). Neste grupo, todos os informantes são bilíngues, tendo consciência ou não dessa condição. Fazem parte deste grupo estudantes universitários de qualquer curso superior que não seja o de Letras, estudantes de pós-graduação, assim como sujeitos que já concluíram seus percursos acadêmicos. Assim como no grupo anterior, os informantes podem ter qualquer nacionalidade, assim como podem dispor de uma ou mais línguas maternas.

O terceiro grupo, não bilíngues (Grupo 3 – G3), é formado por indivíduos que possam ter ingressado em algum curso superior ou técnico, porém não concluído, que desempenham funções diversas e não tenham estudado LE fora da escola, seja no ensino fundamental ou médio. Esses informantes podem ou não ter concluído o ensino fundamental e/ou médio, porém, devem obrigatoriamente ter tido contato com línguas estrangeiras unicamente no ensino básico. Todos os informantes do grupo devem ser de uma única nacionalidade e não podem ter mais de uma língua materna. Para a escolha dos informantes, foi preciso efetuar as entrevistas e, posteriormente, analisar as que estavam de acordo com as características do G3. É importante dizer que, apesar de nem sempre haver certeza sobre a formação acadêmica ou não dos informantes, as entrevistas foram feitas, podendo ou não fazer parte do corpus da pesquisa. Assim, algumas entrevistas precisaram ser descartadas, visto que os

²⁴ Acredita-se que as ideologias linguísticas de bilíngues equilibrados e bilíngues desequilibrados possam ser diferentes. No entanto, esta pesquisa não pretende analisar tal relação, mas sim as ideologias linguísticas de falantes bilíngues e monolíngues, não levando em consideração as línguas faladas por cada indivíduo.

sujeitos não se enquadravam nas características esperadas para os informantes desse grupo.

O quarto e último grupo (Grupo 4 – G4) consiste em informantes professores universitários bilíngues da área de Letras atuantes em disciplinas de ensino de língua. Os informantes deste grupo podem ter qualquer nacionalidade, inclusive dispor de uma ou mais línguas maternas. Estes informantes devem obrigatoriamente ter formação em Letras licenciatura dupla ou simples em LE e atuar na área de ensino de LE.

Para obter o corpus desse grupo, foi aplicado um questionário virtual e anônimo online que foi divulgado por e-mail através do contato com universidades brasileiras. No total, foram contatadas 15 universidades, mais a lista de e-mail de professores do centro de Letras da USP e da PUCRio. No entanto, apenas 5 instituições responderam afirmativamente para a divulgação do questionário entre professores universitários de LE: PUCRS, UFPEL, UNISINOS, UFPR e USP.

4.1 Questionários

Para a coleta dos dados, foram elaborados dois questionários. O primeiro, aplicado aos grupos 1, 2 e 3 dispõe de oito perguntas cuja ordem de apresentação é importante para a construção de sentido do tema pesquisado. O segundo, aplicado somente para o grupo 4, contém 7 perguntas. Para ambos os questionários, foram elaboradas, inicialmente, questões mais amplas sobre as línguas estrangeiras conhecidas pelo entrevistado e, em seguida, aparecem as questões mais específicas sobre o conceito de bilinguismo.

Foi necessária a criação de um questionário específico para o grupo 4, pois ele é formado por professores universitários atuantes na área de ensino de LE. O questionário foi aplicado de forma anônima e virtual. A partir dessas condições, o questionário apresenta uma nova formulação das questões, de interpretação mais ampla, que abrange, porém, os mesmos assuntos.

Questionário dos grupos 1, 2 e 3 (ANEXO A):

1. Que idiomas você fala?
2. Desde quando você fala esses idiomas e em que situação você os aprendeu?
3. Qual a relação que você tem com essas línguas?
4. O nível de conhecimento das línguas sempre foi o mesmo?
5. Você já sofreu algum tipo de preconceito por falar alguma das línguas?
6. Você acha que o bilinguismo é algo positivo ou negativo? Por quê?
7. Você se considera uma pessoa bilíngue?
8. O que é bilinguismo na sua concepção?

Questionário do grupo 4 (ANEXO C):

1. Que línguas você fala e qual o nível de desempenho em cada uma delas?
(Incluir língua(s) materna(s))
2. O que é saber uma LE para você?

3. Você acredita ter benefícios por falar outras línguas? Se sim, quais? Se não, por quê?
4. Falar outras línguas interfere, de alguma maneira, na sua vida social? Se sim, como?
5. Existe algum(s) aspecto(s) negativo(s) em saber outras LE? Justifique com exemplo.
6. Na sala de aula de LE, você costuma abordar questões referentes ao bilinguismo dos alunos e ao seu próprio?
7. Você se considera bilíngue? Por quê?

5 Resultados e discussão

5.1 Análise das respostas apresentadas pelo Grupo 1

Nesse grupo foram entrevistados 21 sujeitos. Todos eles passaram pelo mesmo processo, responderam questões do questionário apresentado acima, cujas respostas foram gravadas em áudios e, posteriormente, transcritas.

Ao pensar nesta pesquisa, algumas hipóteses foram previamente levantadas, visto que, como já citado neste trabalho, frases como “eu não sei falar português direito, vou saber outra língua!” são muito comuns. Portanto, ao pensar sobre bilinguismo, grande parte das pessoas apresentam diversas opiniões sobre o assunto que, muitas vezes, não correspondem ao sentido do conceito de bilinguismo, prejudicando a aprendizagem de LE. No decorrer das entrevistas, muitas dessas hipóteses foram confirmadas, assim como também surgiram outras questões.

É importante dizer que, diferentemente dos outros grupos, os entrevistados do G1 tiveram mais facilidade em compreender o questionário como um todo. Além de compreenderem as perguntas feitas, sabiam como respondê-las sem precisar refletir muito sobre o assunto. Esta era uma reação já esperada, visto que, como são estudantes bilíngues de Letras, já estão mais acostumados com o assunto. No entanto, isso não significa que suas respostas se aproximaram mais do conceito de bilinguismo aqui abordado, assim como não significa que os informantes tenham

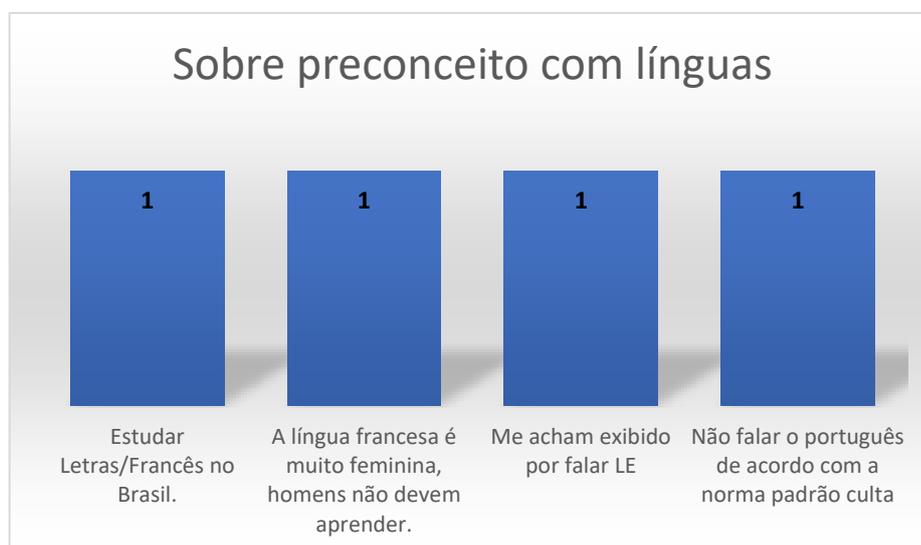
menos ideologias sobre o bilinguismo que os informantes dos outros grupos. Essas entrevistas tiveram um tempo de duração maior que as do G2 e G3, variando de 10min até 30min.

Logo na primeira pergunta do questionário, ainda que compreendendo bem o que havia sido perguntado, foi possível notar que praticamente todos os entrevistados apresentaram dúvida sobre como respondê-la, visto que a resposta era outra pergunta: “Falar pouco, mais ou menos ou muito?” ou “Falar mesmo ou..?”. Essas primeiras reações já provam que existem ideologias sobre o conceito de bilinguismo. Se esses informantes o compreendessem bem, responderiam imediatamente com quais línguas já entraram em contato e, em seguida, diriam quais as habilidades desenvolvidas em cada um desses idiomas. No entanto, além de presumirem que para falar ou não outra língua é preciso ter certo nível de conhecimento em todas as habilidades linguísticas, muitos desses informantes acabaram acrescentando outras línguas às já estudadas somente em outras partes do questionário, provando que não consideram as línguas aprendidas cuja exposição foi baixa ou com as quais não há um contato muito recorrente.

Sobre o preconceito com falantes de línguas estrangeiras

Sobre essa questão, dos 21 entrevistados no G1, quatro indivíduos disseram já ter sofrido algum tipo de preconceito ao falar uma língua. Como vemos no gráfico abaixo, foram 4 ideologias diferentes sobre o tópico:

Gráfico 1: Respostas apresentadas pelos informantes do G1 à pergunta número 5 do questionário aqui abordado



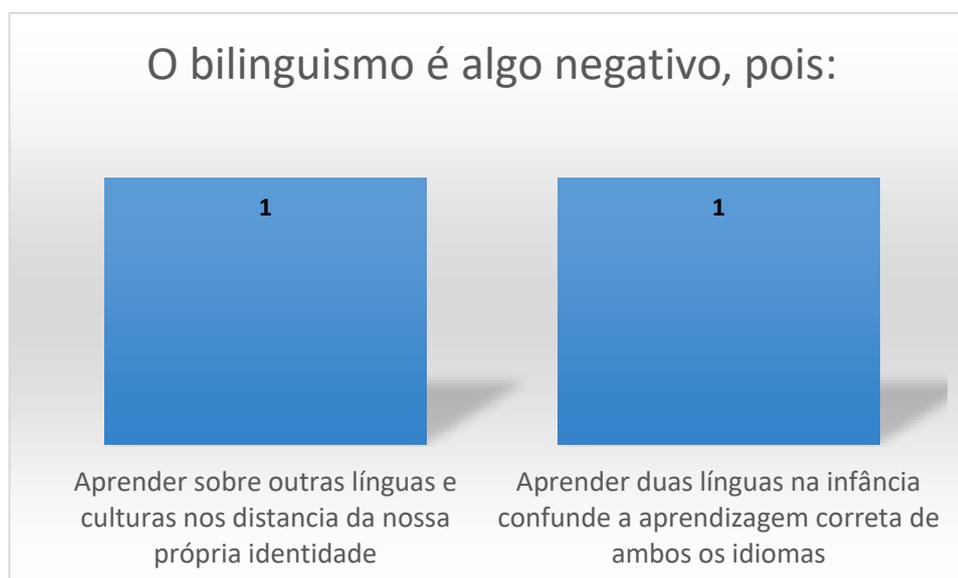
De acordo com o gráfico, vemos que as 4 ideologias que aparecem estão ligadas a questões de status social do uso da língua. Ou seja, os informantes relatam ter sido estigmatizados ora por serem estudantes de licenciatura, ora por falarem línguas ou então por dominarem uma variante que não corresponde àquela de sujeitos que tiveram bom acesso à educação no ensino básico.

Apesar disso, vemos que não foram muitos os estudantes que disseram ter passado por alguma situação de preconceito por falar determinada língua.

O bilinguismo é algo positivo ou negativo?

Sobre esse aspecto, é preciso dizer que as vantagens de ser bilíngue foram reconhecidas por todos os informantes do grupo. Somente dois sujeitos apresentaram um aspecto negativo sobre o fenômeno, dizendo que aprender sobre a língua e cultura de outros povos pode fazer com que o indivíduo esqueça e se afaste das suas próprias língua e cultura, assim como a opinião de que aprender línguas na infância é bastante prejudicial para o desenvolvimento da linguagem da criança, como vemos no gráfico a seguir:

Gráfico 2: Respostas apresentadas pelos informantes do G1 à pergunta número 6 do questionário aqui abordado



Na primeira coluna, podemos pensar na ideologia de que cada sujeito deve pertencer a uma única língua e cultura, não podendo ter interesse em outras. É claro que essa opinião não está correta, visto que todos sofremos influência de outras culturas e regiões desde que nascemos, tendo ou não pais de regiões diferentes. Já a segunda opinião, apresentada na segunda coluna do gráfico 2, diz respeito à ideologia de que as línguas devem ser aprendidas separadamente, principalmente na infância, pois as crianças não têm capacidade de desenvolver mais de uma língua ao mesmo tempo sem ter prejuízos, o que sabemos que não é uma verdade, conforme o que apresento na sessão Revisão da Literatura.

Além disso, alguns informantes ainda comentaram questões sobre o uso de dois ou mais códigos linguísticos durante uma conversa, mas nenhum deles apontou uma visão negativa sobre a inerência de alternância de código em um diálogo entre bilíngues ou bilíngue e monolíngue. Pelo contrário, disseram acreditar ser normal alternar as línguas eventualmente.

É nesse sentido que se pode dizer que, ao contrário do que as hipóteses iniciais apontavam, os sujeitos desse grupo não apresentaram muitas ideologias negativas sobre o assunto, quando questionados amplamente a respeito. No entanto, deve-se notar que o questionário proposto apresentou questões mais amplas sobre o assunto, não investigando especificamente a opinião dos sujeitos sobre ideologias já

predeterminadas, mas sim aquelas que façam parte do histórico de ensino e aprendizagem de cada indivíduo.

Sobre considerar-se bilíngue e o conceito do termo

Nesse tópico as repostas foram bastante diferentes. Tendo em vista que o grupo totaliza 21 informantes, 17 disseram se considerar bilíngues e 4 disseram que *não*, como nos mostra o gráfico abaixo:

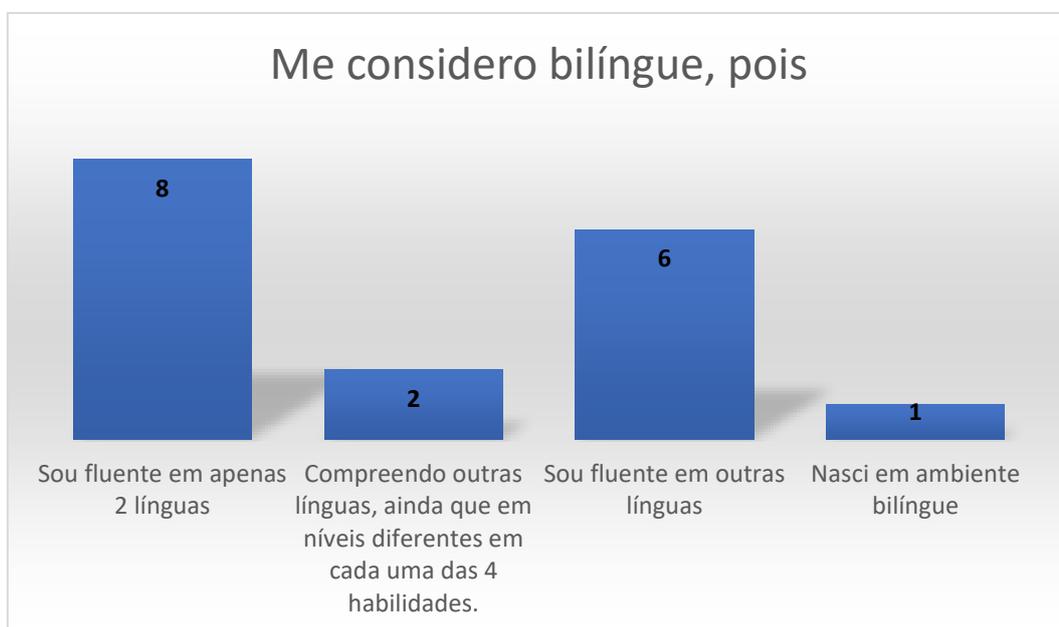
Gráfico 3: Respostas apresentadas pelos informantes do G1 à pergunta número 7 (parte 1) do questionário aqui abordado²⁵



Apesar disso, praticamente todos aqueles que se consideram bilíngues não sabem o que este fenômeno significa, como o gráfico abaixo aponta:

²⁵ Todas as respostas apresentadas para os questionários aqui abordados foram dadas espontaneamente, a partir da opinião de cada sujeito.

Gráfico 4: Respostas apresentadas pelos informantes do G1 à pergunta número 7 (parte 2) do questionário aqui abordado

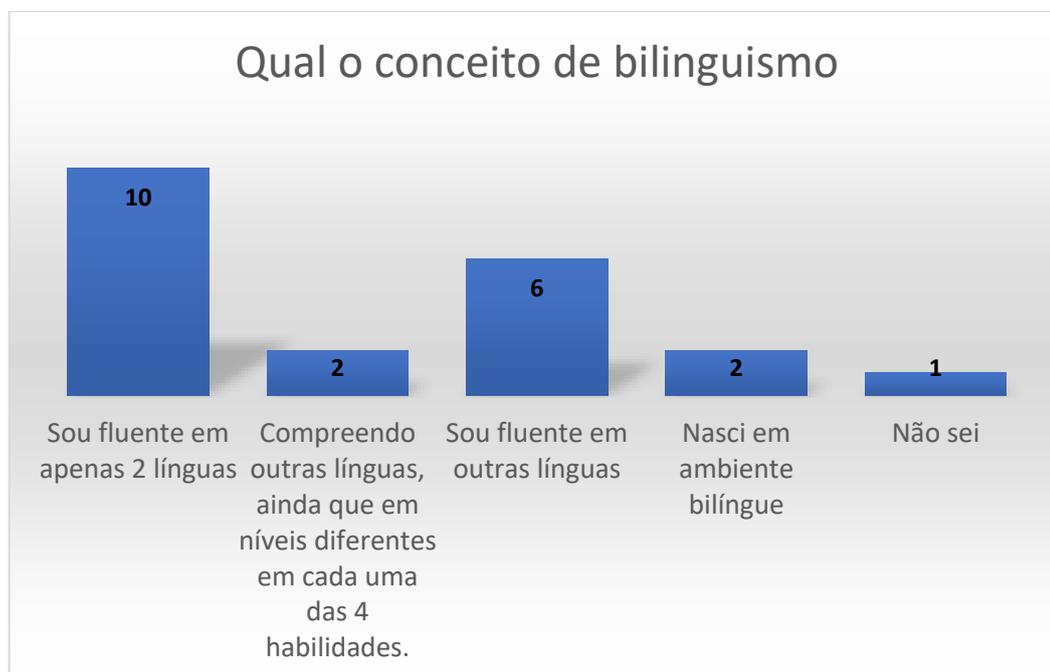


Assim, vemos que entre os informantes que se consideram bilíngues, apenas 2 compreendem que isso significa dispor de rudimentos de outra língua em pelo menos uma das quatro habilidades linguísticas existentes.

Agora, como o seguinte gráfico apresenta, após a inclusão do conceito de bilinguismo na visão dos indivíduos que disseram não se considerar bilíngue, vemos que 10, entre os 21, pensa que ser bilíngue é ser fluente em dois idiomas.²⁶

²⁶ É preciso destacar que ser fluente em dois idiomas também é ser bilíngue e tal afirmativa está de acordo com o conceito de bilinguismo que nesta pesquisa é abordado. No entanto, tendo em vista que as respostas dadas para os questionários aqui aplicados foram livres e de acordo com as ideologias de cada indivíduo, quando tais respostas foram limitadas a “ser bilíngue é ser fluente em até dois idiomas” estas foram consideradas inadequadas, pois não considera o conceito de bilinguismo no qual ser bilíngue é dispor de pelo menos uma das habilidades linguísticas em outros idiomas, não apenas 2.

Gráfico 5: Respostas apresentadas pelos informantes do G1 à pergunta número 8 do questionário aqui abordado



5.2 Análise das respostas apresentadas pelo Grupo 2

Esse grupo é formado por bilíngues universitários de outras áreas do conhecimento, que totalizam 23 sujeitos, sendo alguns nativos do português brasileiro ou do espanhol. Desse modo, acredita-se que, embora nem todos os universitários tenham conhecimento de alguma língua estrangeira, grande parte deles deverá enfrentar situações em que o entendimento de uma LE será necessário em algum momento da sua formação acadêmica. É nesse sentido que todos os informantes do grupo foram selecionados de acordo com o seu bilinguismo, sabendo eles ou não que fazem parte do grupo.

A primeira pergunta do questionário era: que idiomas você fala? Assim como os informantes do G1, as respostas para essa questão também vieram com outra pergunta, como: “de forma fluente ou...?”, “Falar bem ou mais ou menos?”. As demais respostas foram diretas, sendo listadas as línguas que conheciam, ainda que, em

todos os casos, eles mesmos diziam a língua e qual a habilidade mais desenvolvida em cada uma delas.

A partir dessa primeira impressão dos informantes do G2, pode-se notar que esses falantes bilíngues, quantitativamente, se sentiram mais confortáveis com as perguntas, respondendo prontamente, de forma simples e sem muito hesitar.

Sobre o preconceito com falantes de línguas estrangeiras

Para essa pergunta do questionário, com exceção de quatro respostas, todos os demais informantes disseram nunca ter sofrido nenhum tipo de preconceito por falar alguma língua estrangeira, totalizando dezenove sujeitos. Entre eles, alguns ainda disseram que foram parabenizados por falarem outras línguas, sendo o bilinguismo algo bastante positivo na experiência desses informantes.

Os demais sujeitos, aqueles que alegaram ter sofrido algum tipo de preconceito por falar línguas, totalizam quatro informantes. O primeiro que disse *sim*, alegou que teve sua opção sexual questionada por ser estudante de língua francesa. O segundo e o terceiro disseram ter sido estigmatizados por um nativo de outra língua ao falar a LE, ou seja, por não se apresentar como um nativo da língua, sem sotaque. Já o quarto e último informante disse que foi alvo de piadas por cometer enganos no uso da sua língua materna, o português.

A partir disso, pode-se notar que o mito do falante bilíngue com todas as habilidades linguísticas bem desenvolvidas ainda existe, mas não foi recorrente no grupo aqui analisado. Do mesmo modo, esse preconceito partiu do interlocutor, bilíngue ou não, desses sujeitos entrevistados. Apesar disso, os entrevistados disseram não terem se sentido intimidados com a língua inglesa posteriormente.

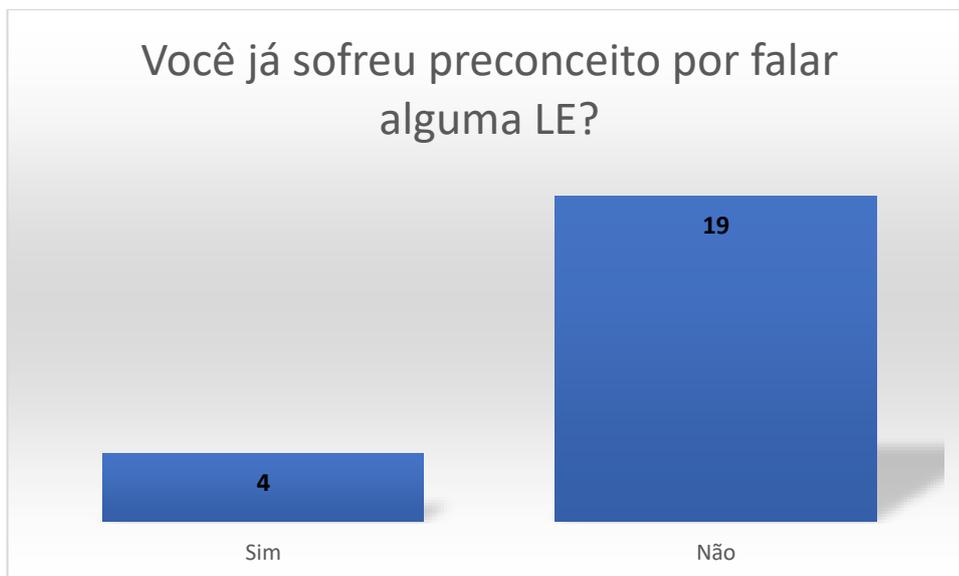
Durante uma das entrevistas, outra questão bastante interessante surgiu. A partir do relato de experiência com o estudo da língua inglesa na escola, pode-se notar claramente a ideologia do falante (professor) nativo, já apresentada anteriormente. Esse sujeito, quando questionado sobre quantas línguas falava, disse saber somente o português e o espanhol. No entanto, para melhor investigar seu histórico linguístico, o interroguei perguntando qual havia sido seu contato com a língua inglesa. A resposta, inesperada – principalmente pelo fato de ser a primeira pergunta do questionário, foi:

“Não sei nada de inglês. Pra ti ter uma ideia, no colégio eu aprendi as cores. Minha professora de inglês do colégio era do interior de Santa Vitória e ela tinha o sotaque do interior e ainda nunca teve contato com a língua inglesa... então tu imagina.”

Dessa forma, pode-se notar que não somente o preconceito existente com o professor bilíngue desequilibrado apareceu, como também o preconceito com a variante do português brasileiro que a professora citada dispõe e com o fato de ela ter vindo de uma cidade do interior. Além disso, é possível notar também a ideologia de que ter contato real com a língua aprendida (e ensinada) é bastante relevante para um bom conhecimento da LE.

Segue o gráfico ilustrando as respostas para essa ideologia:

Gráfico 6: Respostas apresentadas pelos informantes do G2 à pergunta número 5 do questionário aqui abordado



O bilinguismo é algo positivo ou negativo?

Nessa questão, as opiniões foram unânimes ao tratar do lado positivo de falar duas ou mais línguas. Todos os participantes disseram que falar uma LE é extremamente positivo, pois possibilita o conhecimento da cultura do outro, a capacidade de viajar e poder se comunicar no idioma do país visitado etc. É possível dizer que para os

informantes do grupo, aprender línguas estrangeiras é positivo pois está ligado principalmente a questões de lazer e conhecimento, assim como a facilidade da vida acadêmica que, muitas vezes, exige leituras em outros idiomas.

Apesar disso, dos 23 informantes, 6 também apresentaram opiniões de que existe lado negativo em falar LE. Para melhor ilustrar esses relatos, aqui seguem as respostas apresentadas:

“[...] e um lado negativo talvez em questões culturais, a partir do momento que tu começa a aprender a língua do outro, a outra cultura sobrepõe a tua, o que é bem negativo. ”

“[...] E um lado negativo seria famílias bilíngues, a criança que cresce nesse ambiente pode ter alguma confusão gramatical com algumas dessas línguas. Então pode ser negativo. ”

“[...] mas acredito que o fato de existirem vários idiomas no mundo ainda é um atraso para a sociedade como um todo. Seria positivo se, independentemente de cultura, houvesse uma língua padrão e universal que facilitasse a comunicação entre todas as pessoas. ”

“[...] O lado negativo é que tu tens que dedicar tempo para estudar. ”

“[...] Só acho que é negativo quando tu, em um meio que não tem nada a ver, queres mostrar que sabe. Daí é negativo, tu não tá aprendendo nada, tu só tá te exibindo. ”

“[...] O lado negativo é da tua capacidade de se comunicar. Quando estamos aprendendo uma língua confundimos os idiomas e isso é negativo. ”

Como é possível notar, existem diversas ideologias sobre o bilinguismo. Em dois relatos, os informantes disseram acreditar que falar LE tanto na infância quanto na fase adulta dificulta a comunicação no dia a dia, tendo em vista a possibilidade de trocar, eventualmente, algumas palavras durante uma conversação de um idioma para o outro. Também vemos a ideologia de que aprender sobre outras culturas pode nos tornar indivíduos que rejeitam suas origens por se deixar dominar pela língua e cultura estudada.

Além disso, também vimos que um dos informantes apresentou a ideologia de que falantes bilíngues se passam por exibidos quando utilizam outras línguas em conversações com indivíduos que não dispõem dos mesmos códigos linguísticos que eles. Essa opinião está ligada à ideologia de que todo sujeito falante de LE é alguém diferenciado, comumente visto como privilegiado, pois teve a oportunidade de aprender línguas.

Apesar dessas questões, pode-se dizer que grande parte dos entrevistados não apresenta ideologias negativas sobre o bilinguismo. Ou seja, ainda existem essas opiniões distorcidas, mas, no grupo analisado, as respostas foram quantitativamente mais positivas em relação às opiniões negativas.

Sobre considerar-se bilíngue e o conceito do termo

As respostas para essas perguntas apresentaram opiniões bastante parecidas entre si. Entre os 23 entrevistados, 12 responderam *não* para a pergunta “Você se considera bilíngue?” e 11 responderam *sim*. No entanto, grande parte dos informantes que disseram se considerar bilíngue apresentaram como justificativa os motivos que não estão de acordo com o conceito de bilinguismo abordado nesta pesquisa.

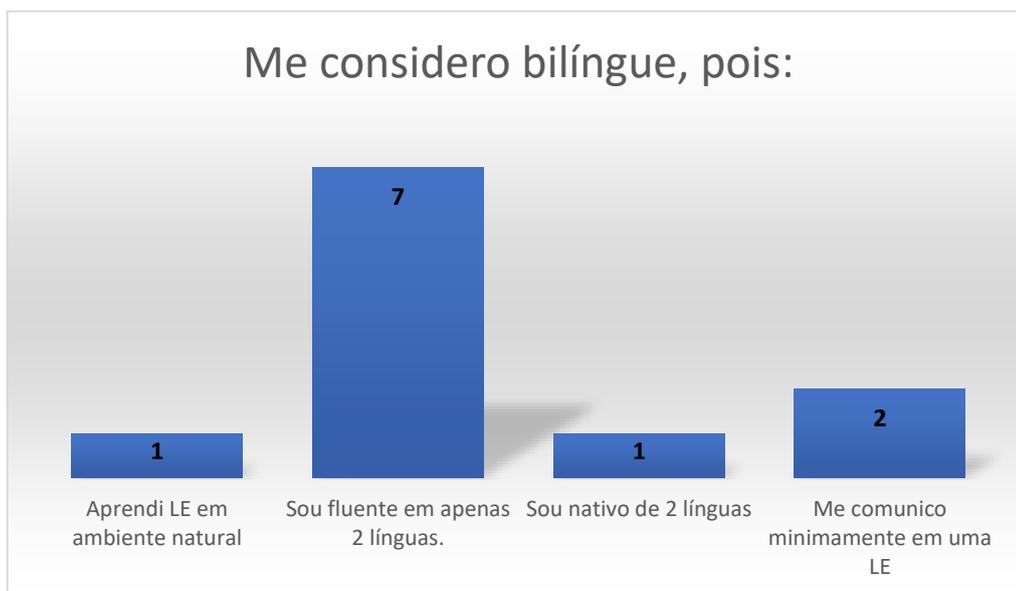
Para melhor ilustrar as respostas obtidas, segue o gráfico:

Gráfico 7: Respostas apresentadas pelos informantes do G2 à pergunta número 7 (parte 1) do questionário aqui abordado



Agora, segue o gráfico apresentando as justificativas sobre se considerarem ou não bilíngues, bem como a quantidade de informantes por ideologia:

Gráfico 8: Respostas apresentadas pelos informantes do G2 à pergunta número 7 (parte 2) do questionário aqui abordado²⁷



Como vemos no gráfico acima, apenas 2 informantes do total de 23 apresentaram uma resposta adequada ao conceito de bilinguismo abordado nesta pesquisa. Isto é, ser bilíngue é dispor, ainda que minimamente, de, pelo menos, uma das habilidades linguísticas de outro idioma, podendo ser de duas ou mais línguas. Os demais informantes, aqueles que não se consideram bilíngues apesar de falar entre 2 e 4 línguas, não se classificam como tal por não serem fluentes nos idiomas que compreendem.

Agora apresento o gráfico geral sobre o significado do conceito de bilinguismo para todos os informantes do grupo:

²⁷ Na segunda coluna deste gráfico é apresentada a quantidade de informantes do G2 que disseram acreditar que bilíngue é aquele indivíduo que fala duas línguas. Nesta pesquisa, todos os informantes que foram taxativos em suas respostas espontâneas sobre a quantidade de línguas necessárias para ser considerado bilíngue entraram na contagem de sujeitos que não se aproximaram do conceito de bilinguismo abordado nesta pesquisa. Apesar disso, é sabido que ser bilíngue também diz respeito àquele que fala fluentemente duas línguas.

Gráfico 9: Respostas apresentadas pelos informantes do G2 à pergunta número 8 do questionário aqui abordado



A partir dos gráficos apresentados, pode-se notar que existem diversas ideologias acerca do conceito de bilinguismo. Grande parte dos sujeitos entrevistados disseram que para ser bilíngue é preciso saber duas línguas e ter todas as habilidades linguísticas bem desenvolvidas, o que faz com que alguns se considerem bilíngues somente com uma das LE que fala, ou não se considerem bilíngues. Além disso, de acordo com a última coluna do gráfico acima, apenas 3 informantes se aproximaram do conceito de bilinguismo focado neste trabalho.

5.3 Análise das respostas apresentadas pelo Grupo 3

Nesse grupo foram entrevistados 23 sujeitos. No entanto, uma entrevista precisou ser descartada, visto que o informante não se enquadrava nas características esperadas para o grupo.

É preciso destacar que algumas perguntas do formulário não foram relevantes para esses informantes, tendo em vista que o contato desses sujeitos com a LE se limitava ao que tinham estudado na escola – salvo os que não tiveram contato algum

com LE. Dessa forma, as questões de número 2, 3 e 4 não pareceram pertinentes para esses informantes e, portanto, não foram perguntadas.

As respostas para a primeira pergunta do questionário se limitaram a: “Falo só português”. Em seguida, os interoguei investigando se eles já tinham estudado alguma LE fora do ensino regular²⁸ – fundamental e médio – ou se tinham, no ambiente familiar, pessoas bilíngues. Todos responderam que não.

O bilinguismo é algo positivo ou negativo?

Todos os informantes disseram que o bilinguismo é algo bastante positivo pelas mesmas questões apontadas pelos informantes dos grupos 1 e 2. Nenhum deles apontou um lado negativo para a questão.

É válido destacar que, majoritariamente, o bilinguismo é visto como algo importante para esses informantes, pois possibilita maior oportunidade de emprego. Além disso, diferentemente dos informantes do G2, os sujeitos do G3 comentaram o lado prático de falar duas ou mais línguas no dia a dia, como por exemplo, compreender melhor o mundo que nos cerca, entendendo propagandas de produtos diversos, frases em LE que aparecem estampadas em roupas, músicas estrangeiras famosas no Brasil, bem como a possibilidade de conseguir se comunicar com os diversos estrangeiros que passam diariamente pela cidade.

Outro relato bastante importante, e que reforça a ideologia de que falar LE exige tempo de dinheiro, foi o comentário de um sujeito alegando que aprender línguas é muito positivo, mas “Eu hoje não tenho como fazer (curso de idiomas), até porque não tenho nem tempo nem dinheiro para isso.”

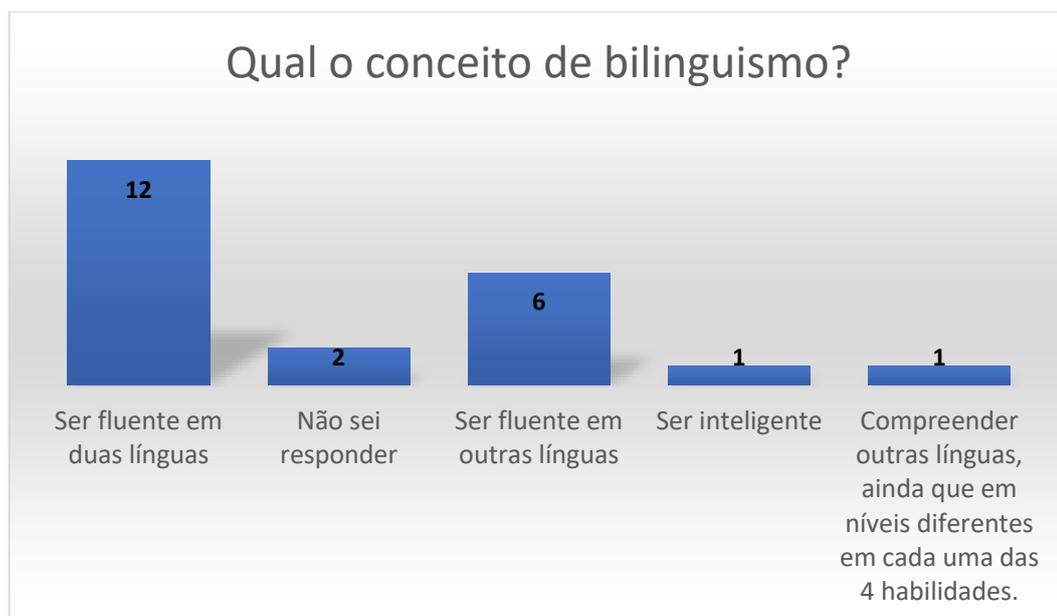
Sobre considerar-se bilíngue e o conceito do termo

Sobre se considerarem bilíngues ou não, todos disseram que *não* se consideram. Sobre o conceito de bilinguismo, as opiniões foram bastante divergentes. Assim, segue o gráfico que apresenta as ideologias que apareceram sobre o conceito

²⁸ É preciso destacar que o grupo de informantes do G3 contém poucos sujeitos que tiveram contato de até 1 ano com o ensino de LE na escola, seja no ensino fundamental ou médio. Apesar disso, para esta pesquisa o nível de bilinguismo desses falantes é considerado irrelevante no que concerne às ideologias aqui estudadas, fazendo que, para fins metodológicos, o uso dos dados desses falantes seja válido para a presente pesquisa.

de bilinguismo na visão dos monolíngues. Nele, podemos notar que apenas um dos 22 informantes demonstrou uma opinião de acordo com a abordada nesta pesquisa sobre o conceito do termo aqui analisado.

Gráfico 10: Respostas apresentadas pelos informantes do G3 à pergunta número 8 do questionário aqui abordado



Sobre o preconceito com falantes de línguas estrangeiras

Sobre essa questão, apenas um informante disse já ter sofrido algum tipo de preconceito por falar português, visto que todos os sujeitos desse grupo são monolíngues nativos do português brasileiro. O informante relatou ter sido estigmatizado por falar a sua variante sulista do português brasileiro no norte do país. Ademais, todos os demais informantes alegaram nunca ter sofrido algum tipo de preconceito.

5.4 Análise das respostas apresentadas pelo Grupo 4

Como apresentado na metodologia, os dados desse grupo foram obtidos através do preenchimento online do questionário (Anexo C) utilizado somente para tais sujeitos. O questionário a seguir foi respondido de forma anônima e virtual, não sendo feito nenhum tipo de gravação de áudio:

1. Que línguas você fala e qual o nível de desempenho em cada uma delas? (Incluir língua(s) materna(s))
2. O que é saber uma LE para você?
3. Você acredita ter benefícios por falar outras línguas? Se sim, quais? Se não, por quê?
4. Falar outras línguas interfere, de alguma maneira, na sua vida social? Se sim, como?
5. Existe algum(s) aspecto(s) negativo(s) em saber outras LE? Justifique com exemplo.
6. Na sala de aula de LE, você costuma abordar questões referentes ao bilinguismo dos alunos e ao seu próprio?
7. Você se considera bilíngue? Por quê?

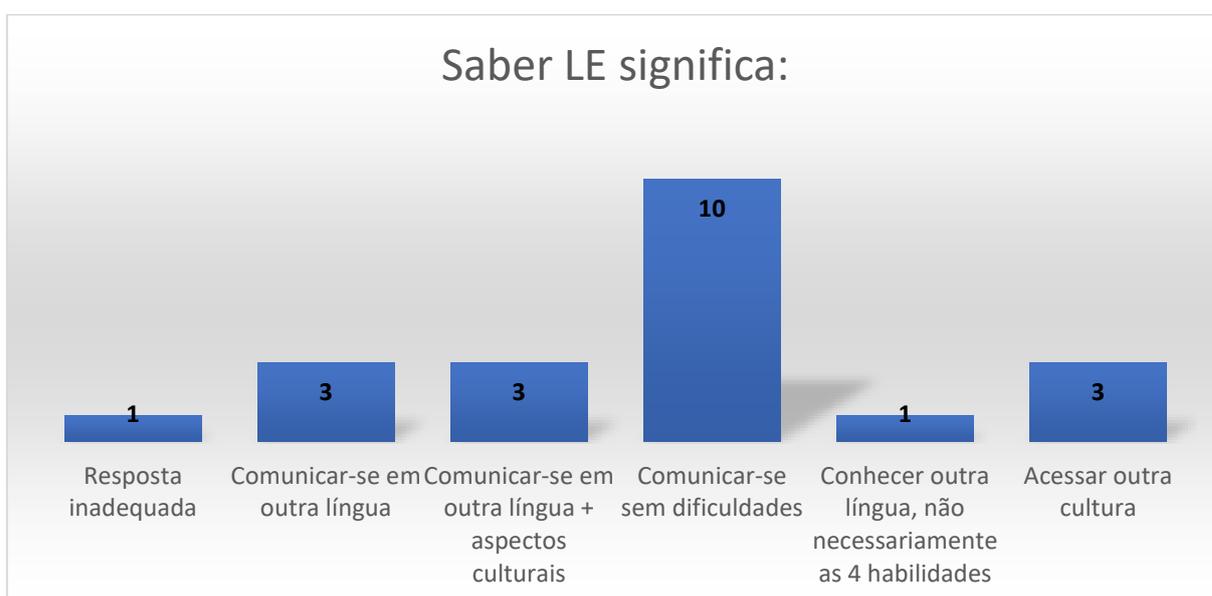
Assim, a primeira pergunta do questionário foi respondida de forma bastante clara por todos os 21 informantes que participaram. As línguas foram listadas junto com as habilidades mais bem desenvolvidas em cada uma delas. Todos os informantes falavam entre 2 e 4 línguas.

Já a segunda pergunta do questionário diz respeito ao que significa saber uma LE. Ao contrário da questão utilizada no questionário aplicado nos demais grupos, que era “O que é o bilinguismo na sua concepção?”, aqui, a intenção foi a de não apresentar de forma direta a intenção de saber o significado do conceito de bilinguismo, mas sim propor algo mais amplo que permitisse uma maior reflexão sobre o assunto por parte dos professores. Desse modo, a resposta esperada era a de que saber LE significa saber comunicar-se em outro idioma, ainda que em apenas uma habilidade linguística cujo nível pode ou não ser elevado.

A partir disso, pode-se dizer que as respostas não foram carregadas de ideologias negativas, de modo geral, ainda que nem todas tenham se aproximado do conceito de bilinguismo aqui trabalhado.

Segue o gráfico para ilustrar as diversas concepções sobre o significado de saber outras línguas:

Gráfico 11: Respostas apresentadas pelos informantes do G4 à pergunta número 2 do questionário aqui abordado



Como podemos notar, entre os 21 sujeitos analisados surgiram 6 diferentes grupos de respostas. Na coluna “Resposta Inadequada” está a única que não responde a pergunta, tendo sido respondida, muito provavelmente, de forma desatenta com “Libras... um pouco de espanhol”. Na coluna “Se comunicar em outra língua”, os 3 informantes com esta resposta não foram detalhistas em seus comentários, dizendo apenas o senso comum. Na coluna 3, “Se comunicar em outra língua + aspectos culturais”, foi possível notar que os 3 informantes que apresentaram essa resposta deixaram bastante clara a relação existente entre aprender línguas estrangeiras e tomar conhecimento igualmente da cultura do povo que a fala, como mostram as respostas a seguir:

“É ter acesso em mais profundidade a uma cultura diferente da sua, podendo compreender (e desfrutar de) elementos - históricos, antropológicos,

sociológicos, filosóficos, políticos, artísticos, etc - que constituem a experiência de uma comunidade em seu espaço específico.”

“Saber se comunicar na língua, sem esquecer aspectos culturais envolvidos (tais como o que é apropriado ou não dizer, como dizer certas coisas que, na LE, são ditas de forma diferente, etc.)”

“Ter tanto a competência comunicativa como também a competência intercultural (ou seja, constitui ser capaz de navegar pelo sistema linguístico em jogo e saber adaptá-lo às variadas situações sociais e/ou culturais)”

Já a quarta coluna corresponde ao maior número de respostas apresentado. Nela, podemos notar que 10 dos informantes disseram que saber uma LE significa dominar as quatro habilidades linguísticas. A seguir, apresento os comentários mais explícitos com relação a essa ideologia:

“Comunicar-se sem dificuldades, entender expressar sutilezas da língua. Conhecer o código formal em seus aspectos estruturais. Entender piadas e ironias (aí estará bem).”

“Em linhas gerais, é dominar as habilidades de compreensão e produção oral e escrita. Dependendo do propósito da pessoa, entretanto, saber uma língua pode limitar-se a dominar habilidades específicas para seu propósito, por exemplo, compreender um texto escrito em determinada área do conhecimento, ou compreender o significado das letras de músicas, etc.”

“Saber participar das várias situações que se apresentam na LE. Se preciso ler, saber ler, se preciso me expressar oralmente, saber fazê-lo e procurar aprimorar esse conhecimento até onde seja satisfatório.”

A penúltima coluna corresponde às respostas que mais se aproximaram ao conceito de bilinguismo defendido nesta pesquisa. No entanto, foi apenas um professor que apresentou tal opinião:

“É ter conhecimento em língua estrangeira, não necessariamente nas 4 habilidades linguísticas.”

Além dessa resposta, outro informante apresentou um comentário similar ao da resposta anterior. No entanto, logo em seguida ele apresenta um comentário contraditório, invalidando a resposta como pertinente para compor a penúltima coluna do Gráfico de número 6:

“Entendo que o verbo 'saber' é de complexa definição. É possível saber algo em maior ou menor profundidade e, no caso de uma LE, é saber esta com menor ou maior grau de proficiência. Isto inclui saber as quatro habilidades, bem como aspectos culturais e possibilidades de colocar a LE em contato com a língua materna de diferentes formas. Uma LE é um universo a ser explorado e, como língua, está em constante evolução.”

Notamos isso quando, após dizer que saber línguas significa sabê-las ainda que com menor ou maior grau de proficiência, o informante diz, logo em seguida, que isso, na verdade, inclui saber as quatro habilidades linguísticas.

Na última coluna do Gráfico 11, temos 3 informantes dizendo que saber uma LE significa acessar outra cultura. Esta resposta não pode ser considerada como inadequada no que concerne ao conceito de bilinguismo. No entanto, está bastante superficial, tendo em vista o grupo analisado.

Além disso, foi possível notar que as repostas apresentadas para a pergunta variaram entre respostas coerentes com o significado de bilinguismo, respostas incompletas, respostas elaboradas com falta de atenção, assim como respostas bastante claras sobre o conceito de bilinguismo, porém, divergentes do conceito mais recente utilizado na literatura para definir o bilinguismo e igualmente utilizado nesta pesquisa – 11 respostas.

Como são abordadas questões referentes ao bilinguismo em sala de aula de LE nos cursos de Letras

O questionário elaborado para os professores abordou também questões que envolvem a sala de aula de LE e sua postura com relação ao seu bilinguismo e ao de seus alunos. A pergunta número 6, “Na sala de aula de LE, você costuma abordar questões referentes ao bilinguismo dos alunos e ao seu próprio? Quais? (Cite pelo menos um exemplo)”, apresentou diversas respostas interessantes que confirmam algumas hipóteses de ideologias existentes acerca do bilinguismo, bem como

apresenta atitudes pertinentes, por parte dos professores, sobre como trabalhar o desenvolvimento do ensino de LE em ambiente de formação de formadores.

O intuito da questão foi o de verificar, a partir do conhecimento que professores universitários de LE têm sobre o conceito de bilinguismo, quais são as questões mais recorrentes trabalhadas em sala de aula que envolvam a temática do bilinguismo, assim como a sua adequação ao o conceito de bilinguismo que aqui é adotado. Quando questionados sobre se abordam ou não questões sobre o bilinguismo em sala de aula, praticamente todos disseram que *sim*, com exceção de 1 que respondeu apenas *não*.

A tabela a seguir mostra as respostas completas obtidas para as duas últimas questões do questionário.

Tabela 1: Respostas para as perguntas 6 e 7 do questionário aplicado para o G4

Entrevistados	Na sala de aula de LE, você costuma abordar questões referentes ao bilinguismo dos alunos e ao seu próprio? Quais? (Cite pelo menos um exemplo)	Você se considera bilíngue? Por quê?
1.	Sim; a importância de conhecer as duas línguas para perceber as dificuldades que terão no ensino.	Sim, sou fluente em mais de um idioma.
2.	Sou professora de libras me acostumo com os alunos para comunicar é básico.	Sim, pois bilíngue é aquele que consegue desempenhar as habilidades linguísticas muito bem e eu consigo.
3.	Sim, costumo citar o fato de que por saber outras línguas as estratégias de aprendizagem que utilizei para aprender uma LE me facilitaram o aprendizado de outras, e que eles podem fazer o mesmo.	Sim, pois compreendo muito bem o inglês.
4.	Para alunos de nível inicial, fazemos um acordo, aquele que sonhar na língua estrangeira primeiro, compartilha em aula. Converso com eles sobre o momento em que lhes faltará uma palavra em português e só sabem expressar determinada informação apenas na língua estrangeira. Assim, tratamos da necessidade de saber expressar com a mesma precisão e tranquilidade a mesma realidade em uma ou outra língua.	Sim, pois sou fluente em duas línguas.

5.	Sim. Nas diversas interferências que minha fala apresenta, nas aproximações entre as línguas etc.	Sim. Consigo me comunicar em outro idioma que não minha língua nativa.
6.	Não.	Não, pois não nasci em ambiente bilíngue.
7.	É bem comum que temas envolvendo o bilinguismo estejam presentes. Os alunos precisam estar cientes de como se dá seu processo de aprendizagem, do seu nível de interlíngua, da inevitabilidade (e até necessidade) do erro como parte da aprendizagem, etc.	Sim, pois sei me comunicar bem em mais de uma língua.
8.	Sim, inúmeras vezes pois leciono literaturas de língua inglesa e estabeleço muitas comparações entre essas literaturas e a literatura brasileira (peculiaridades históricas, geográficas, indenitárias).	Não, pois não tenho uma vivência diária com outra língua em seu país natural
9.	Sim. Utilizo sempre em minhas aulas de francês, o espanhol e o inglês e até o italiano para fazer comparações, por exemplo, em termos de vocabulário das línguas Neolatinas, a diferença entre o TU e VOUS (formal e informal).	Sim pois sei as 4 habilidades de mais de uma língua.
10.	Sim. Todo semestre, independentemente do nível, tento começar diferenciando os conceitos de língua materna, estrangeira e L2 do ponto de vista do acesso ao insumo (input) aos quais o aprendiz tem acesso. Se estou aprendendo uma LE, isto é, uma língua diferente da minha em um contexto onde ela é pouco solicitada, meu acesso a ela restringe-se, na maior parte das vezes, as duas horas semanais na sala de aula. Já como L2, no país onde a língua é falada, o contato é muito maior. Então se quero aprender bem o Italiano aprendendo fora do país, os esforços dos alunos têm que ser muito maiores, se quiserem ter acesso e proficiência. Conto como consegui chegar aos níveis que cheguei, individualizando objetivos claros de aprendizagem. E isso que tento passar: que eles têm que ter objetivos de aprendizagem claros... Só assim vai aprender.	Sim, pois compreendo todas as habilidades linguísticas de mais de uma língua.
11.	Sempre - especialmente a síndrome do impostor e a inferioridade que por vezes sentem os não nativos de determinada língua.	Sim. A distinção entre bilíngues e falantes de LE hoje em dia já não é mais usada - somos todos bilíngues.

12.	Sim. Exemplo: as vantagens de ser bilíngue e o conceito de "multicompetence" do Vivian Cook.	Sim, pois me comunico com sucesso, para as minhas necessidades, em mais de uma língua.
13.	Sim. Tendo a colocar como vantagem então solicito que os alunos apresentem exemplos de situações envolvendo as duas línguas.	Me chamam de bilíngue, mas acredito que o que sei em português para sobrevivência está além do que sei em inglês. Por outro lado, sei mais em literatura em inglês do que em português. Não acredito ter conhecimento equivalente em ambas as línguas, mas acredito ser proficiente em ambas.
14.	Minhas aulas são todas em inglês e sobre a língua então tudo se volta para isso, não há um exemplo específico.	Sim; porque domino duas línguas.
15.	Incentivo o aprendizado das românicas pela facilidade...	Sim. Porque me comunico bem nas línguas supracitadas
16.	Aprender línguas que são parecidas é mais fácil.	Sim, pois sou fluente nessas línguas.
17.	Muitos alunos me questionam sobre a questão do "sotaque perfeito" ou "tempo recorde para aprendizado de uma LE". No caso, sabemos que a questão do bilinguismo pode estar focada à hipótese do período crítico (0-6 anos de idade), mas não é um limitador. A possibilidade de imersão (presencial ou virtual) e a variedade de materiais (e abordagens/métodos) disponíveis torna o aprendizado tangível. Contudo, acredito que alcançar o nível de proficiência de uma pessoa que desde a mais tenra idade teve a chance de dominar mais de um sistema linguístico é algo que não recomendo. O ideal é buscar as competências supracitadas conforme a necessidade.	Sim. Tenho como navegar nos dois universos linguísticos e culturais das línguas portuguesa e inglesa. :)
18.	Sim, citamos com frequência vocabulário em diversas línguas, assim como diferenças culturais relacionadas aos falantes de cada língua.	Não. Quando há urgência ou necessidade de me explicar da forma mais clara possível, uso a língua portuguesa, embora muitas vezes palavras isoladas do alemão sejam mais precisas na definição.
19.	Costumo dar exemplos da proximidade linguística entre o português e espanhol.	Não. Porque bilíngue para mim é quem tem a vivência da língua estrangeira por anos da infância em imersão. O que não é o meu caso.
20.	Sim. O bilinguismo é tratado como algo natural e as pretensas dificuldades com transferências suas vistas e aplicadas como algo natural, uma vez que faz parte do funcionamento cerebral a transferência de informações de mesma natureza.	Sim, pois usufruo de diferentes línguas e consigo me comunicar e ter acesso a informações variadas por meio das línguas que conheço.

21.	Sim. Temos uma disciplina de bilinguismo. Escrevo sobre isso também.	Sim, pois sou capaz de me comunicar em mais de uma língua.
-----	--	--

A partir das respostas obtidas, foi possível notar que alguns desses informantes trabalham questões que tendem a ser voltadas às relações existentes entre as línguas no que tange aos aspectos gramaticais e lexicais. Tal postura acaba reforçando a constante intenção dos professores em manter o ensino formal da língua, transitando muito pouco sobre questões outras que também fazem parte do ensino e aprendizagem de línguas, como vemos nos seguintes exemplos:

“Sim. Utilizo sempre em minhas aulas de francês, o espanhol e o inglês e até o italiano para fazer comparações, por exemplo, em termos de vocabulário das línguas Neolatinas, a diferença entre o TU e VOUS (formal e informal).” (Informante 9)

“Costumo dar exemplos da proximidade linguística entre o português e espanhol.” (Informante 19)

“Sim, costumo citar o fato de que por saber outras línguas as estratégias de aprendizagem que utilizei para aprender uma LE me facilitaram o aprendizado de outras, e que eles podem fazer o mesmo.” (Informante)

ou então “sim, citamos com frequência vocabulário em diversas línguas [...]” (Informante 18 – Tabela 1); “Incentivo o aprendizado das românicas pela facilidade” (Informante 15 – Tabela 1); “Aprender línguas que são parecidas é mais fácil” (Informante 16 – Tabela 1), mostrando que essas questões são, provavelmente, as mais trabalhadas em sala de aula. Junto a isso, vemos que de acordo com a questão 7 apresentada na tabela 1 nenhum desses informantes apresenta uma justificativa que esteja de acordo com o conceito de bilinguismo aqui utilizando.

É evidente que, como vemos na tabela 1, todas as respostas referentes à questão aqui comentada (nº 6 do questionário) estão adequadas²⁹ e fazem parte do ensino e aprendizagem de línguas. No entanto, quando se fala em bilinguismo, o ensino não se resume à importância do domínio de uma língua na sua forma escrita. Quando o significado desse fenômeno se faz claro para professores e alunos (e

²⁹ Com exceção da resposta do informante número 6, de acordo com a tabela 1, que está inadequada.

leigos), o que vimos que não está, de acordo com as respostas para a pergunta de número 7, diversas outras questões podem ser trabalhadas em sala de aula junto com o ensino formal, desfazendo a ideologia de que, por exemplo, falar uma língua é dominá-la na sua norma culta, e tornando possível propagar frases como “eu não falo nem português”³⁰ cada vez menos. Desse modo, os informantes que participaram preferiram exemplificar o trabalho sobre o bilinguismo feito em sala de aula com questões formais do uso da linguagem, ou então respondendo de forma pouco específica, como os sujeitos 2, 8 e 21, de acordo com a tabela 1.

Apesar disso, também foi possível notar que alguns professores abordam questões mais amplas sobre o bilinguismo, como os informantes 7, 10 e 17, de acordo com a tabela 1, que comentaram aspectos referentes ao erro durante a aprendizagem de LE, à necessidade de estudo para aprender uma LE em ambiente artificial e à impossibilidade de passar por nativo quando se tiver aprendido uma língua já na fase adulta, etc.

A partir da resposta do informante 17, é possível notar que, de fato, o não entendimento do conceito de bilinguismo favorecerá dúvidas como essas por parte dos alunos. A visão sobre o conceito de bilinguismo que parte desse professor, no entanto, permite que os alunos entendam a dificuldade de tornar-se um falante equilibrado de outra língua a partir da fase adulta. Assim, não há a propagação da ideologia do falante nativo, visto que o informante “não recomenda” tal busca durante a aprendizagem da LE.

Já sobre a resposta do informante 10, temos a diferença de aprendizagem de LE em ambiente natural e artificial. Nela, notamos que o professor informante comenta a necessidade de esforçar-se para aprender outros idiomas em ambiente artificial, contrapondo a possível facilidade de aprender uma língua em seu país de origem (Ver tabela 1):

“Sim. Todo semestre, independentemente do nível, tento começar diferenciando os conceitos de língua materna, estrangeira e L2 do ponto de vista do acesso ao insumo (input) aos quais o aprendiz tem acesso. Se estou aprendendo uma LE, isto é, uma língua diferente da minha em um contexto onde ela é pouco solicitada, meu acesso a ela restringe-se, na maior parte das vezes, as duas horas semanais na sala de aula. Já como L2, no país onde a

³⁰ Contando que este seja nativo do português brasileiro.

língua e falada, o contato é muito maior. Então se quero aprender bem o italiano aprendendo fora do país, os esforços dos alunos têm que ser muito maiores, se quiserem ter acesso e proficiência. Conto como consegui chegar aos níveis que cheguei, individualizando objetivos claros de aprendizagem. É isso que tento passar: que eles têm que ter objetivos de aprendizagem claros... Só assim vão aprender.” (Informante 10)

Também apareceram respostas concernentes ao funcionamento cerebral do falante bilíngue e da naturalidade que é alternar os códigos linguísticos durante as conversações por parte dos bilíngues:

“Sim, o bilinguismo é tratado como algo natural e as pretensas dificuldades com transferências, uma vez que faz parte do funcionamento cerebral a transferência de informações de mesma natureza.” (Informante 20)

Tal questão é bastante interessante de ser abordada em salas de aula de LE, pois faz a ideologia de que é negativo aprender LE ser desmistificada. Como aparece no G2 e no G3, alguns informantes disseram que aprender LE significa ter dificuldades de se expressar em uma única língua, prejudicando a conversação etc. No entanto, assim como na resposta do informante do G4 citada acima, a alternância de códigos linguísticos surge como inerente à condição do bilíngue.

Apesar de o conceito de bilinguismo não ser claro para praticamente todo o grupo de informantes, suas ações em sala de aula tendem a ser adequadas ao significado de bilinguismo aqui abordado. Algumas respostas apresentaram comentários interessantes e de extrema relevância para o ensino de LE para futuros professores de língua, ainda que muitas outras tenham apresentado comentários genéricos e que não muito têm a ver com a relevância do conhecimento do conceito de bilinguismo.

De qualquer modo, não é possível afirmar que, mesmo não apresentando o conceito de bilinguismo esperado, tendo em vista o conceito aqui abordado, porém fazendo comentários pertinentes sobre o ensino e aprendizagem de LE nas suas experiências docentes, esses informantes não apresentem outras ideologias acerca do conceito aqui analisado. A questão de número 6 é bastante ampla, permitindo uma resposta igualmente vasta, pessoal e objetiva – considerando o espaço disponível para responder no formulário online utilizado. Para verificar a verdadeira relação entre

o não entendimento do conceito de bilinguismo e a prática docente desses professores, seria preciso elaborar um questionário voltado para tal assunto. No entanto, não é este o objetivo desta pesquisa. A intenção da questão é a de ilustrar as respostas apresentadas, sendo as opiniões referentes ao significado do conceito de bilinguismo e sobre considerar-se ou não bilíngue o de verdadeira relevância tanto para esse grupo de análise quanto para os demais.

O bilinguismo é algo positivo ou negativo?

Sobre tal questão, entre os 21 entrevistados, 6 informantes apontaram um lado negativo para o bilinguismo. Os motivos apresentados foram:

1. Às vezes interfere na minha língua materna e tenho dúvidas principalmente ortográficas;
2. Só se for a questão da vida social, porque a gente acaba se limitando a esse contexto;
3. Não consigo discernir... talvez a inveja dos monolíngues;
4. Acabar esquecendo as línguas estudadas;
5. Falta tempo para cultivá-las;
6. Preconceito linguístico que algumas pessoas sofrem dependendo da língua.

Apesar de haver comentários sobre aspectos negativos em falar línguas estrangeiras, acredito que somente o primeiro está ligado ao ensino e aprendizagem de LE. As demais respostas dizem respeito a questões outras, como sociais de preconceito ou, então, ao fato de esquecer as línguas já aprendidas.

Sobre considerar-se bilíngue e o conceito do termo

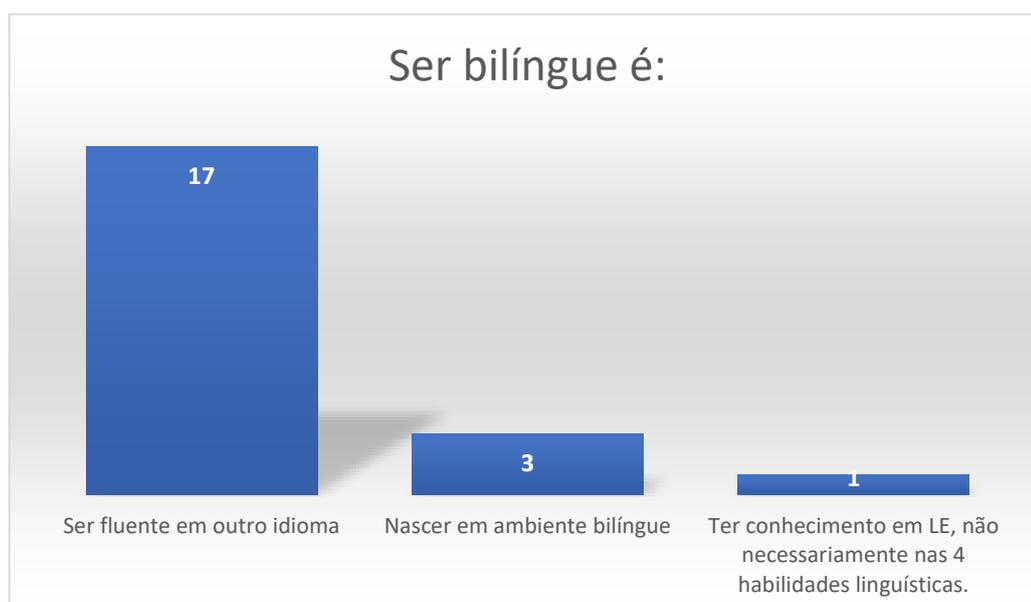
Nessa questão, grande parte dos informantes disseram se considerar bilíngue. Apesar disso, assim como nos demais grupos analisados, o conceito de bilinguismo não está de acordo com o trabalhado nesta pesquisa. Segue o gráfico para a questão sobre se considerarem ou não bilíngues:

Gráfico 12: Respostas apresentadas pelos informantes do G4 à pergunta número 7 (parte 1) do questionário aqui abordado



Em seguida, apresento o gráfico contendo as principais ideologias acerca do conceito de bilinguismo:

Gráfico 13: Respostas apresentadas pelos informantes do G4 à pergunta número 7 (parte 2) do questionário aqui abordado



A partir dessas respostas, é possível notar que grande parte dos indivíduos que se consideram bilíngues não levaram em conta aqueles falantes que têm baixo nível de desempenho nas habilidades linguísticas. Desse modo, vemos que a ideologia de que ser bilíngue é ser fluente em outro idioma está implícita nos dados coletados e que apenas um informante apresentou uma resposta adequada ao conceito de bilinguismo trabalhado nesta pesquisa.

Sobre o preconceito com falantes de línguas estrangeiras

Para investigar tal questão no grupo de professores universitários de LE, foi proposta a pergunta de número 4³¹, cuja finalidade foi a de permitir ao informante maior liberdade em apresentar a relevância (ou não) social que dominar outras línguas pode acarretar.

A partir disso, o informante poderia apresentar quaisquer situações em que saber duas ou mais línguas interferisse na sua vida. Assim, de acordo com os dados coletados e apresentados na Tabela 2, todos os informantes apontaram somente aspectos positivos, não tendo nenhum relato negativo ou que configurasse preconceito linguístico. Apesar disso, também apareceram 3 respostas de informantes que negaram qualquer relevância social e individual em saber línguas.

Desse modo, pode-se inferir que a ideologia da norma, por exemplo, apresentada na sessão 2.2, não afeta professores universitários com formação acadêmica em Letras Licenciatura dupla ou simples, visto que – assim como o relato de um dos informantes apresentado a seguir – sua posição social (professor universitário de Letras) o isenta de sofrer preconceito linguístico por não dominar a norma padrão culta de uma língua.

“[...] e sou bastante respeitada socialmente pela minha atividade profissional.”
(Tabela 2 - Informante 18 – G4)

Para melhor ilustrar as respostas apresentadas para tal questão, segue a tabela com tais dados:

³¹ 4. Falar outras línguas interfere, de alguma maneira, na sua vida social? Se sim, como?

Tabela 2: Respostas para a pergunta 4 do questionário aplicado para o G4

Informantes	4. Falar outras línguas interfere, de alguma maneira, na sua vida social? Se sim, como?
1.	Não.
2.	Sim, por causa proficiência.
3.	Sim, já fiz vários amigos e amigas de outras nacionalidades.
4.	Boa parte de minhas relações sociais tem a ver com a língua espanhola.
5.	Sim, pois a língua não se torna um obstáculo na comunicação, mas um incentivo a ela.
6.	Não.
7.	Sim. Possibilita-me ampliar o círculo de pessoas conhecidas, englobando estrangeiros com quem mantenho contato.
8.	Sim, definindo meu universo de ação profissional e de integração social (docência e pesquisa)
9.	Sim. Já tive várias oportunidades de utilizar o espanhol e o francês no meu cotidiano, tenho amigos Argentinos e Franceses e trocamos experiências de vida através do contato que temos com a língua e a cultura dos países envolvidos.
10.	Sim, a maior parte dos meus amigos e de colegas de trabalho que falam italiano, nativos ou professores da língua.
11.	Sim, me permite interagir com pessoas de outros países.
12.	Sim, tenho muitos amigos de diversas partes do mundo.
13.	Sim. Quando viajo sou constantemente solicitada a ajudar aqueles que dominam menos o inglês. Também me pedem se posso traduzir algo rapidamente apenas por ter conhecimento de dois códigos linguísticos.
14.	Na minha vida o domínio de outras línguas foi decisivo, uma vez que meu companheiro é natural de outro país e não sabe português.
15.	Viajo e conheço gente que fala as línguas que falo.
16.	Não muito, além de eu poder me comunicar com outras pessoas.
17.	Só consigo ver uma interferência positiva: a possibilidade de conhecer outras culturas, hábitos e não estar limitado em suas ações.
18.	Sim, tenho familiares e amigos em várias partes do mundo, e sou bastante respeitada socialmente pela minha atividade profissional.
19.	Sim, pelos amigos falantes da língua que tenho e pela ampliação da minha visão de mundo
20.	Sim, tenho acesso a pessoas, eventos e informações diversificadas em várias línguas.
21.	Não.

Como vemos nas respostas apresentadas acima, os informantes apontam diversos aspectos positivos em ser bilíngue e nenhum relata alguma experiência diglósica ou de ideologia negativa.

5.5 Comparação dos resultados

Após a análise individual das ideologias linguísticas analisadas em cada um dos grupos, pode-se dizer que, de fato, a opinião dos entrevistados sobre o conceito de bilinguismo e as demais questões que o acompanham é atravessada por questões ideológicas, tanto do senso comum quanto da Linguística tradicional, confirmando grande parte das hipóteses inicialmente levantadas.

A presente pesquisa totalizou 87 informantes, tendo sido a maior parte entrevistada individualmente. Este trabalho propôs a análise de 4 principais ideologias linguísticas, o preconceito com falantes de línguas estrangeiras ou materna(s), a opinião dos sujeitos sobre os aspectos positivos ou negativos do bilinguismo, a opinião desses sobre se considerarem ou não bilíngues e o significado do conceito de bilinguismo, de acordo com a sessão 1. Além disso, o Grupo 4 também respondeu uma questão sobre se era ou não feita uma abordagem de questões relativas ao bilinguismo tanto do professor quanto do aluno.

É nesse sentido que esta sessão pretende retomar os pontos analisados separadamente em cada grupo, comparando os resultados.

Preconceito com falantes de línguas estrangeiras ou materna

Esta sessão analisa as respostas apresentadas pelos informantes dos grupos 1, 2 e 3, que totaliza 66 sujeitos. Tal ideologia pode ser dividida em alguns outros aspectos, como já explicitados na sessão 1:

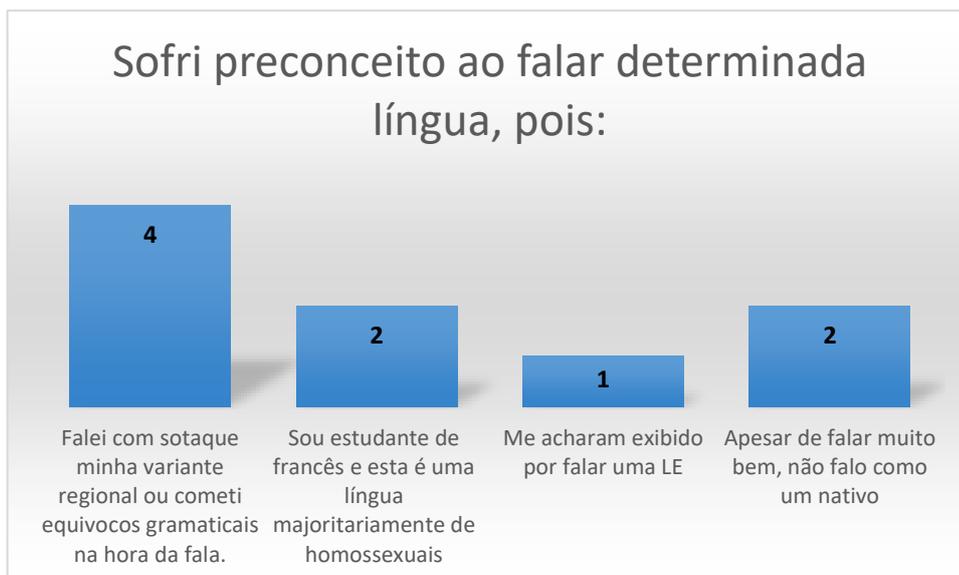
Existe preconceito com falantes de LE;

- preconceito por parte do interlocutor com falantes que dispõem de duas ou mais línguas estrangeiras, pois apresentam sotaque em algumas delas ou em todas;

- preconceito ou sentimento de inferioridade por parte do próprio falante bilíngue que dispõe de duas ou mais línguas estrangeiras, pois apresenta sotaque em algumas delas ou em todas;
- preconceito por parte do interlocutor com falantes de línguas minoritárias;
- preconceito ou sentimento de inferioridade por parte do falante bilíngue de línguas minoritárias;
- preconceito por parte do interlocutor pela variante falada na língua materna do locutor.

A partir dessas hipóteses, pode-se dizer que algumas dessas ideologias foram confirmadas, ao passo que outras não. No que concerne ao preconceito com línguas, a grande maioria dos entrevistados disse nunca ter sofrido algum tipo de preconceito por falar nenhuma das línguas que dominava. Em um total de 66 informantes dos grupos 1, 2 e 3, apenas 9 disseram já ter sofrido algum tipo de preconceito, sendo 4 do G1, 4 do G2 e apenas 1 do G3. O gráfico abaixo aponta quais os motivos do estigma:

Gráfico 14: Respostas apresentadas pelos informantes do G1, G2 e G3 à pergunta número 5 do questionário abordado para esses grupos



Como o gráfico apresenta, as ideologias em torno do preconceito linguístico se dividiram em 4, sendo que apenas uma está de acordo com as hipóteses inicialmente

levantadas - preconceito com falantes que possuam uma variante regional qualquer e/ou não se comuniquem oralmente de acordo com a norma padrão culta do português brasileiro, ou então, ideologia da norma apresentada na sessão 2.2.

Além disso, também pode-se notar que, de acordo com a terceira coluna do gráfico 14, um indivíduo disse ter sido reprimido por falar uma LE. Ou seja, a ideologia do poliglota esnobe, apresentada na sessão 3, confirmou-se a partir desse relato. No entanto, as demais ideologias foram percebidas somente após a análise dos dados e, ainda assim, consistem em um número pouco expressivo.

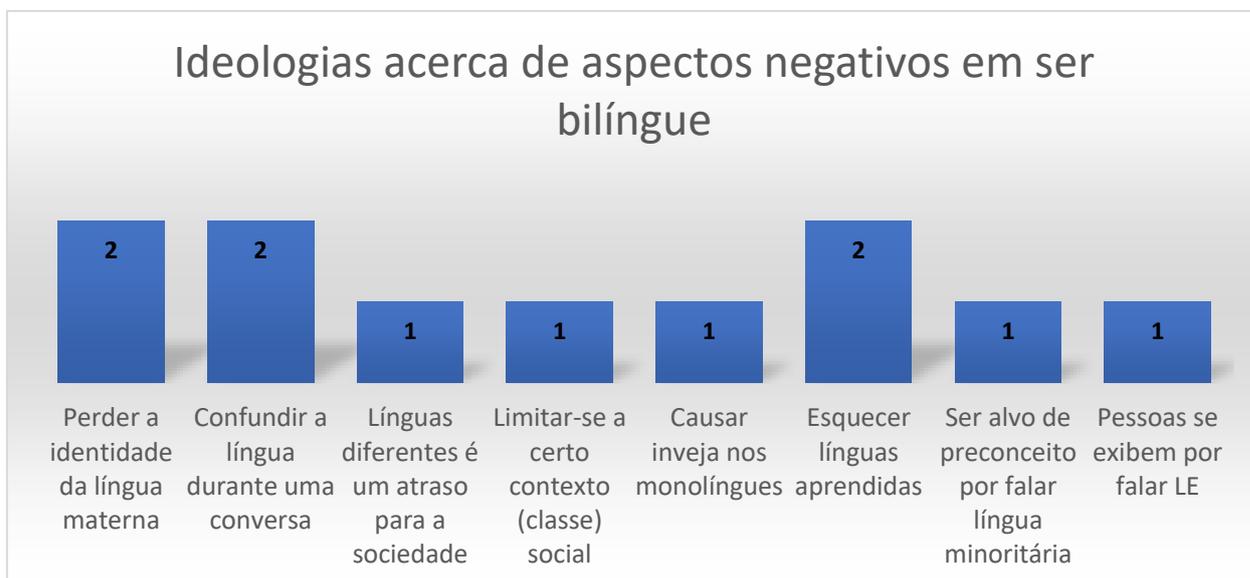
Uma justificativa para as demais ideologias não terem sido notadas é que grande parte das entrevistas foram feitas na cidade de Pelotas, fazendo com que o corpus deste trabalho, em sua maioria, contenha dados de indivíduos pelotenses ou habitantes da região, porém nenhum falante de línguas como pomerano ou hunsrickisch – também encontradas no sul do estado. Desse modo, as ideologias acerca de línguas minoritárias não puderam ser notadas, pois os questionários não foram aplicados em regiões onde sua presença fosse maior. A maioria dos informantes dominavam línguas hegemônicas, como inglês, espanhol e francês, sendo majoritariamente brasileiros nativos do português.

O bilinguismo é algo positivo ou negativo?

Investigar essa ideologia linguística pareceu interessante, pois muitas pessoas ainda acreditam que aprender línguas pode ser um fenômeno negativo em alguns casos. Como vimos nas respostas apresentadas anteriormente, a opinião de que o bilinguismo é algo positivo foi unânime. De fato, todos os informantes apresentaram várias vantagens em saber uma LE. No entanto, ideologias de que misturar o vocabulário de uma língua com outra, falar línguas com sotaque, confundir a aquisição da linguagem de uma criança obrigando-a a aprender dois ou mais idiomas, etc, ainda são bastante presentes e têm grande potencial de dificultar a aprendizagem de um indivíduo, assim como de construir uma ideia que tornará muitas pessoas alvo de preconceito. Com isso, diversos indivíduos que foram nascidos e criados em ambiente bilíngue podem ser estigmatizados por causa de um fenômeno que, na verdade, é altamente positivo.

Apesar disso, entre os 87 entrevistados, apenas 11 disseram acreditar que existam aspectos negativos no bilinguismo, sendo eles:

Gráfico 15: Respostas apresentadas pelos informantes do G1, G2 e G3 à pergunta número 5 do questionário abordado para esses grupos



No que concerne às opiniões apresentadas sobre os aspectos negativos em ser bilíngue, os números não foram expressivos. Acredito, portanto, que isso se deva ao nível de consciência dos informantes sobre o assunto – bilinguismo, ensino e aprendizagem de língua. Os informantes do G3, por exemplo, que totalizam aproximadamente 25% dos informantes desta pesquisa, não sabiam nem mesmo o significado de bilinguismo. Portanto, muito provavelmente nunca tiveram reflexões sobre essas questões.

Sobre as vantagens em ser bilíngue, todos estiveram de acordo. No entanto, as opiniões sobre os aspectos positivos em ser bilíngue variaram entre os grupos. Os informantes do G1 e do G2, por exemplo, disseram majoritariamente que aprender línguas significa conhecer o mundo do outro, compreendendo outras culturas e modos de pensar. Além disso, alguns ainda acrescentaram que aprender línguas também apresenta vantagens cognitivas, não acarretando nenhum lado negativo.

“Positivo, não tem lado negativo. Saber duas línguas nos permite conhecer outras culturas e ver o mundo de forma diferente.” (Informante G1)

“Bilinguismo é o que há de mais positivo. Porque amplia os horizontes das pessoas, é se colocar no lugar do outro, alteridade, tu te colocas no lugar do outro pra falar aquela língua.” (Informante G1)

“Positivo. Porque te abre pra outras culturas, países, pessoas.. outro mundo.. se tu tens mais de uma língua tu consegues te expandir para os outros países e culturas..” (Informante G2)

“Positivo, porque aprender outra língua é aprender outra cultura, conhecer novas estruturas e padrões, é ampliar a maneira de pensar.” (Informante G2)

Já os informantes do G3, por exemplo, disseram, em sua grande maioria, que as principais vantagens em saber línguas estrangeiras estão nas diversas possibilidades de emprego que ser bilíngue pode possibilitar.

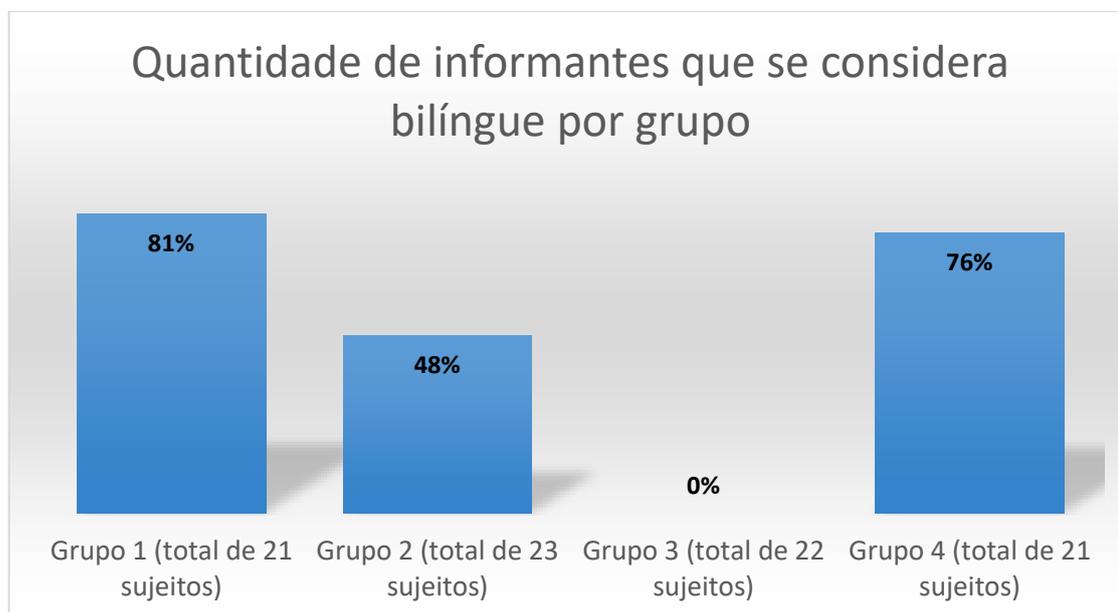
“Acho que é positivo, pois temos mais oportunidades de emprego.” (Informante G3)

“É positivo, porque quanto mais conhecimento melhor. Mais línguas abre mais caminhos para gente.” (Informante G3)

Sobre se considerar bilíngue e o conceito de bilinguismo

Tal questão apresentou respostas bastante variadas, em que muitos disseram se considerar bilíngues, apesar de não apresentarem como conceito para o fenômeno uma resposta de acordo com a abordagem tida nesta pesquisa. O gráfico abaixo mostra a quantidade de indivíduos por grupo que se crê bilíngue:

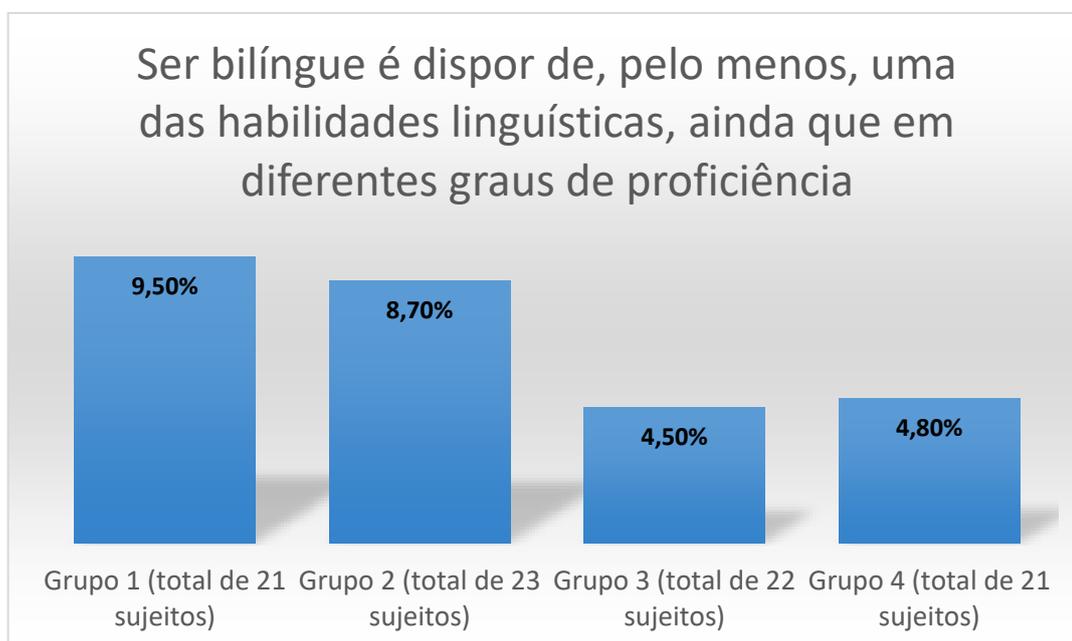
Gráfico 16: Respostas apresentadas pelos informantes do G1, G2, G3 e G4 sobre se considerarem ou não bilíngues



De acordo com o gráfico, os informantes do grupo 3 não se consideraram bilíngues, apesar de muitos não compreenderem tal conceito ou nem mesmo terem alguma opinião a respeito. Além disso, grande parte dos entrevistados dos demais grupos reconhece sua capacidade de se comunicar em, pelo menos, dois idiomas, ainda que suas justificativas não se enquadrem no conceito de bilinguismo utilizado na literatura atual e igualmente nesta pesquisa.

Agora, segue a quantidade de informantes, por grupo, que se aproximou do conceito de bilinguismo utilizado nesta pesquisa:

Gráfico 17: Respostas dos grupos 1, 2, 3 e 4 de acordo com o conceito de bilinguismo abordado nesta pesquisa



A partir disso, podemos ver que os três grupos de bilíngues e o único de monolíngues não estão familiarizados com tal conceito. Nos grupos G1 e G4, principalmente, pode-se notar que esses bilíngues não abordam o assunto nas salas de aula de LE nas universidades – nem professores e nem alunos.

O entender ou não do fenômeno pode parecer irrelevante no que concerne ao ensino e aprendizagem de línguas. Porém, aqui segue uma das mais importantes questões sobre o assunto que estão por trás desse conceito e, muito provavelmente, presentes nas salas de aula dos cursos de Letras: ser bilíngue é ser fluente em duas línguas. É preciso dominar todos aspectos linguísticos da LE, bem como da língua materna. A ideologia de “só sei uma língua se domino aspectos gramaticas, assim como todas as 4 habilidades” foi bastante recorrente.

Outra questão implícita no assunto é a de que se não dominamos a norma padrão culta de uma língua, então não a compreendemos bem. Tal ideologia está presente desde as aulas de língua materna na escola, em que a principal mensagem dada pelo professor é a de que a língua (escrita) é o correto e a fala (oral) não.

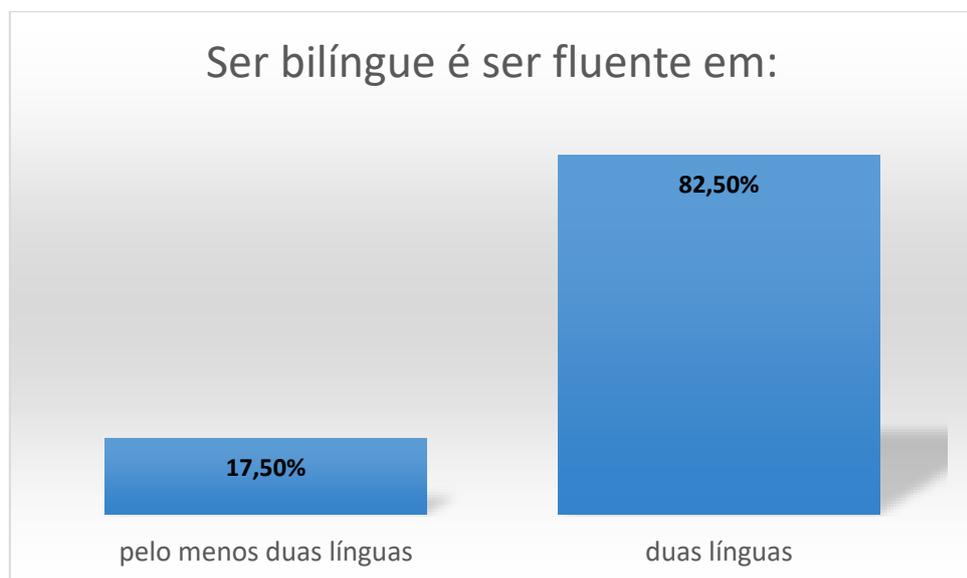
As ideologias acerca do conceito de bilinguismo foram inicialmente divididas em três, de acordo com a sessão 1:

Muitos bilíngues não conhecem o conceito de bilinguismo;

- ser bilíngue é ser igualmente fluente nos códigos de que dispõe;
- ser bilíngue é nascer em ambiente bilíngue;
- ser bilíngue é ter conhecimento em LE, ainda que não muito evoluído e em, pelo menos, uma das habilidades linguísticas.

A partir dos dados coletados, vemos que as três apareceram como resposta no questionário. A primeira, que sugere fluência em um idioma para ser considerado bilíngue, totalizou, dos 87 informantes desta pesquisa, 69 indivíduos – 57 acreditam que seja ser fluente em até 2 línguas, 12 acreditam que seja ser fluente em, pelo menos, 2 línguas, como mostra o gráfico a seguir:

Gráfico 18: Total de respostas em percentagem para a afirmação “Ser bilíngue é ser fluente em ou línguas ou em pelo menos duas línguas”



Outra ideologia que também pode ser observada a partir da análise dos dados foi a de que só é considerado bilíngue aquele que nasceu em tal ambiente e, portanto, aprendeu duas ou mais línguas em ambiente natural, durante a infância. Apesar disso, o número de vezes que tal ideologia apareceu não foi nada expressivo, totalizando apenas 6 sujeitos ou 7% do total.

6 Conclusão

Esta dissertação de mestrado teve como principal objetivo investigar as ideologias linguísticas acerca do significado do conceito de bilinguismo, do preconceito com falantes de línguas estrangeiras, minoritárias e/ou materna(s) e das vantagens e desvantagens em ser bilíngue. Além disso, também foram analisadas questões referentes à opinião de professores universitários de LE sobre a abordagem ou não em sala de aula do fenômeno aqui trabalhado. Pode-se notar, portanto, após a análise detalhada dos dados coletados, que todas as ideologias lançadas como hipótese³² apareceram, ainda que nem todas tenham tido uma ocorrência expressiva.

Nesse sentido, é preciso dizer que a ideologia sobre o preconceito com falantes de determinadas línguas não foi altamente recorrente muito provavelmente em função dos entrevistados desta pesquisa. Tendo em vista a região em que os questionários foram aplicados – majoritariamente informantes brasileiros, habitantes do sul do estado do Rio Grande do Sul, ainda que não necessariamente gaúchos, a predominância de falantes de línguas minoritárias ou de sujeitos bilíngues equilibrados não foi alta.³³ As línguas que mais apareceram neste corpus consistem no inglês, espanhol e francês – todas línguas de prestígio social.

Sobre a recepção dos informantes dessa pesquisa, pode-se dizer que grande parte foi bastante receptiva para com a abordagem feita. Os sujeitos do G1 e do G2 foram abordados em diversos campus universitários, apresentando bastante interesse em responder o questionário. Já os informantes do G3 foram abordados em lugares diversos, como grandes comércios localizados no centro da cidade ou no interior, etc. Esses tiveram menor interesse em participar, negando-se, muitas vezes a responder as perguntas. Antes de entrevistar qualquer informante desta pesquisa foi preciso fazer uma apresentação breve sobre minha formação e sobre a intenção do questionário. As entrevistas com os sujeitos do G3 aconteceram entre 2 e 5 min, ao passo que algumas entrevistas do G1 tiveram a duração de aproximadamente 30 min.

³² Existe preconceito com falantes de LE; pensa-se que ser bilíngue pode ser positivo ou negativo; muitos bilíngues não se consideram bilíngues; muitos bilíngues não conhecem o conceito de bilinguismo.

³³ O estado do Rio Grande do Sul também conta com colonização italiana e alemã, sendo tanto o pomerano quanto o hunsrückisch línguas faladas na região. Apesar disso, nenhum informante era falante dessas línguas ou tinha algum tipo de contato com elas.

Desse modo, é possível afirmar que o bilinguismo é um fenômeno pouco compreendido, seja por parte de falantes bilíngues da área de Letras – professores e alunos – como de bilíngues leigos e também por monolíngues. Como visto na comparação dos resultados, todos os 4 grupos analisados apresentaram, majoritariamente, respostas que não concordam com o conceito aqui abordado. Entre os 87 informantes, 6 compreendem o próprio bilinguismo, sendo que 69 pensam que saber um idioma é ser capaz de entendê-lo na sua totalidade³⁴, abrangendo aspectos gramaticais e culturais da língua estudada.

Desse modo, pode-se dizer que a ideologia mais presente no conceito de bilinguismo é a de que esse fenômeno corresponde a falantes com alto nível de desempenho em até 2 idiomas, em função do prefixo “bi”, embora hoje em dia tal termo já faça referência a falantes de, pelo menos, duas línguas. Além disso, muitos sujeitos também disseram acreditar que o bilíngue é aquele nativo, nascido e criado, em ambiente bilíngue. Isto é, ser considerado bilíngue é uma exclusividade de certos indivíduos que têm total e direta relação com, pelo menos, duas línguas e culturas.

Sobre o significado do bilinguismo e a relação existente entre os 4 grupos, vimos que entre os 21 e 23 indivíduos analisados em cada um deles, as respostas foram muito parecidas, assim como a quantidade de indivíduos que se aproximou do conceito de bilinguismo aqui estudado, entre 1 e 2 sujeitos, fazendo com que não exista muita diferença entre os grupos.

Esta pesquisa também analisou as abordagens sobre o bilinguismo por parte de professores universitários de LE nas aulas de língua. De acordo com os dados apresentados na tabela 1, percebeu-se que, de fato, todos os professores comentam aspectos sobre o bilinguismo em suas práticas docentes. No entanto, como comentado na análise dos dados, muitos professores detiveram-se em apontar suas abordagens sobre o assunto limitando os comentários às relações feitas entre as línguas, focando em aspectos tanto gramaticais e estruturais, quanto sobre a adequação da linguagem nas diferentes situações sociais existentes.

Tendo em vista a divulgação virtual feita do questionário desta pesquisa aplicado aos informantes do G4, pode-se dizer que o interesse desses professores

³⁴ Destaca-se novamente que ser fluente em pelo menos dois idiomas também é ser bilíngue, de acordo com a concepção de bilinguismo adotada neste trabalho. No entanto, tendo em vista o caráter de livre expressão que o questionário desta pesquisa propôs, toda resposta que limitou o conceito de bilinguismo em falantes fluentes de até duas línguas foi considerada como insuficiente, visto que tal concepção está carregada de ideologia linguística, como é possível verificar na sessão 5.5.

em participar ou não da pesquisa também releva a importância dada ao assunto por parte desses docentes. Acredito que muitos não tenham achado relevante participar, por, muito provavelmente, não discutir amplamente esses assuntos nas suas práticas em sala de aula.

Além disso, também devemos contar com as respostas inadequadas ou incompletas do questionário que não apontam para nenhum tipo de abordagem específica. No entanto, deve-se chamar a atenção para o fato de que alguns professores apresentaram questões muito pertinentes de serem tratadas em sala de aula.

Uma delas é a ideologia de que estudantes de LE na fase adulta muito raramente atingirão um nível de proficiência idêntico ao de um nativo de uma língua. Ou ainda a questão sobre o entendimento do bilinguismo como algo natural, sendo a eventual alternância entre os códigos linguísticos disponíveis uma característica inerente à condição de falante bilíngue. Essas ideologias estão diretamente relacionadas ao conceito de bilinguismo que nesta pesquisa é abordado, mostrando algo bastante positivo por partes dos informantes do G4.

Por fim, pode-se concluir que o bilinguismo é um fenômeno bastante vasto e presente na vida de muitas pessoas. O conhecimento do significado desse conceito por parte de profissionais da área de Letras possibilita uma abordagem didática em sala de aula muito mais pertinente e livre de ideologias linguísticas negativas carregadas de questões históricas, sociais, políticas, econômicas e de poder que podem dificultar o ensino e aprendizagem de línguas.

Além disso, compreender o conceito de bilinguismo deve também ser estendido até falantes bilíngues e monolíngues leigos, pois tal conceito está diretamente vinculado às questões sociais que atingem todas as pessoas, podendo reprimir indivíduos que têm (ou podem ter) seu(s) idioma(s) rotulado(s) de estigma e desprestígio, prejudicando assim toda e qualquer minoria linguística, assim como todo indivíduo que dispõe de uma variedade linguística desprestigiada socialmente.

7 REFERÊNCIAS

BASSO, E. A. **Quando a crença faz a diferença**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

BAKER, C. **A Parents' and Teachers' Guide to Bilingualism**. Tonawanda: Multilingual Matters, 2014.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 16. ed. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec Editora, 2014.

CARDOSO, M. **O Brasil e suas muitas línguas**. Plataforma do Letramento. Disponível em: <http://e-ipol.org/?s=Plataforma+do+Letramento%3A+O+Brasil+e+suas+muitas+l%C3%ADnguas>, 2016.

COELHO, H. S. H. **“É possível aprender inglês na escola?” Crenças de professores sobre o ensino de inglês em escolas públicas**. Campinas, SP: Pontes, 2006.

COSTE, D.; MOORE, D.; ZARATE, G. **Compétence plurilingue et pluriculturelle**. Strasbourg: Conseil de l'Europe, 2009.

COUTO, H. **Linguística, ecologia e ecolinguística. Contato de Línguas**. SP: Contexto, 2009.

ESCUDE, P.; JANIN, P. **Le point sur l'intercompréhension, clé du plurilinguisme**. Paris: CLE International, 2010.

GROSJEAN, F. Bilinguismo individual. **Revista UFG. Ano X, nº 5**, dezembro 2008.

HARDING, E.; RILEY, P. **The Bilingual Family: a Handbook for Parents**. New York: Cambridge University Press, 1986.

_____. **The Bilingual Family: a Handbook for Parents**. 2 ed. New York: Cambridge University Press, 2003.

JOURNET, N. **Grandir entre deux langues** - Entretien avec Barbara Abdellilah-Bauer et Ranka Bijeljic-Babic, Revista Sciences Humaines. Disponível em: http://www.scienceshumaines.com/grandir-entre-deux-languesentretien-avec-barbara-abdellilah-bauer-et-ranka-bijeljic-babic_fr_34976.html, 2015.

KRASHEN, S. **Principles and Practice in Second Language Acquisition**. University of Southern California, 1982.

LEFFA, Vilson J. O ensino de línguas estrangeiras no contexto nacional. **Contexturas, APLIESP**, n. 4, 1999.

MEGALE, A. H. Bilíngue, eu? Representações de sujeitos bilíngues falantes de português inglês. **Revista X, Volume 2**, 2012.

MOITA LOPES, L. P. da. (Orgs.) **O português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico**. São Paulo: Parábola, 2013.

MOORE, D. **Plurilinguismes et école**. Paris: Editions Didier, 2006.

MOZZILLO, I. A conversação bilíngue dentro e fora da sala de aula de língua estrangeira. In: HAMMES, W.; VETROMILLE-CASTRO, R. (orgs.) **Transformando a sala de aula, transformando o mundo : ensino e pesquisa em língua estrangeira**. Pelotas: Educat, 2001.

SELINKER, L. Interlanguage. IRAL, **International Review of Applied Linguistics in Language Teaching**, 1972.

VIEIRA, J; MOURA, H. Língua estrangeira: direito ou privilégio? In: LOPES DA SILVA, F.; MOURA, H. **O direito à fala. A questão do preconceito linguístico**. Florianópolis: Editora Insular, 2000.

Anexos

Anexo A



Universidade Federal de Pelotas

Centro de Letras e Comunicação

Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em Letras

Estudos da Linguagem

Nome:

Nacionalidade:

Idade:

Profissão:

Grupo:

1. Que idiomas você fala?
2. Desde quando você fala esses idiomas e em que situação você os aprendeu?
3. Qual a relação que você tem com essas línguas?
4. O nível de conhecimento das línguas sempre foi o mesmo?
5. Você já sofreu algum tipo de preconceito por falar alguma das línguas?
6. Você acha que o bilinguismo é algo positivo ou negativo? Por quê?
7. Você se considera uma pessoa bilíngue?
8. O que é bilinguismo na sua concepção?

Anexo B



Universidade Federal de Pelotas
Centro de Letras e Comunicação

Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em Letras
Área de Estudos da Linguagem

Termo de consentimento livre e esclarecido

Eu, _____ autorizo o uso de dados gerados a partir de entrevista, através de gravação em áudio, para a realização de pesquisa desenvolvida pela mestrandia Júlia Costa Mendes, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas, a qual visa estudar a ideologias linguísticas que circundam o bilinguismo. Portanto, esclarecemos algumas informações:

- Não haverá identificação do nome do participante na gravação realizada, sendo os dados utilizados única e exclusivamente em eventos científicos ou áreas afins;
- É permitido ao participante desistir da pesquisa a qualquer momento;
- Não haverá nenhum tipo de despesa financeira decorrente da participação nesta pesquisa.

Qualquer tipo de dúvida, ou caso queira saber mais sobre o projeto de pesquisa, pode entrar em contato pelo e-mail: julia.ufpel@gmail.com ou pelo telefone (53) 81340788.

Pelotas, ____ de _____ de 201__.

Assinatura entrevistado (a)

Júlia Costa Mendes
Pesquisadora Responsável

Profª Drª Isabella Ferreira Mozzillo
Orientadora

Anexo C



Questionário de Experiência e Proficiência Linguística

Este questionário deve ser preenchido unicamente por professores universitários que tenham formação em Letras Licenciatura Dupla ou simples, porém de Língua Estrangeira (LE) - qualquer idioma - e que ministrem disciplinas de LE.

*Obrigatório

Universidade Federal de Pelotas - Programa de Pós-Graduação em Letras - Mestrado em Estudos da Linguagem

Mestranda : Júlia Costa Mendes
Orientadora : Isabella Mozzillo

1. Que línguas você fala e qual o nível de desempenho em cada uma delas? (Incluir língua(s) materna(s)) *

Sua resposta _____

2. O que é saber uma LE para você? *

Sua resposta _____

3. Você acredita ter benefícios por falar outras línguas? Se sim, quais? Se não, por quê? *

Sua resposta _____

4. Falar outras línguas interfere, de alguma maneira, na sua vida social? Se sim, como? *

Sua resposta _____

5. Existe algum(s) aspecto(s) negativo(s) em saber outras LE? Justifique com exemplo. *

Sua resposta _____

6. Na sala de aula de LE, você costuma abordar questões referentes ao bilinguismo dos alunos e ao seu próprio? Quais? (Cite pelo menos um exemplo) *

Sua resposta _____

7. Você se considera bilíngue? Por quê?

Sua resposta _____

ENVIAR

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.